

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

TÂMIRES KAREN ELOI DAS CHAGAS

**Realidade sexista em âmbito educacional: As experiências escolares
vivenciadas pelas estudantes do ensino médio**

**CARUARU
2016**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

TÂMIRES KAREN ELOI DAS CHAGAS

**Realidade sexista em âmbito educacional: As experiências escolares
vivenciadas pelas estudantes do ensino médio**

Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Pedagogia da
Universidade Federal de Pernambuco
(CAA), para obtenção do título de
Licenciado em Pedagogia.
Orientadora: Prof. Dr^a. Allene Carvalho
Lage

**CARUARU
2016**

Catálogo na fonte:
Bibliotecária – Simone Xavier CRB/4 - 1242

C433r Chagas, Tâmires Karen Eloi das.
Realidade sexista em âmbito educacional: as experiências escolares vivenciadas
pelas estudantes do ensino médio. / Tâmires Karen Eloi das Chagas. – 2016.
57f. ; 30 cm.

Orientadora: Allene Carvalho Lage
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal de
Pernambuco, CAA, Pedagogia, 2016.
Inclui Referências.

1. Educação. 2. Gênero. 3. Ensino médio. 4. Prática de ensino. 5. Professores –
Formação. I. Lage, Allene Carvalho (Orientadora). II. Título.

370 CDD (23. ed.)

UFPE (CAA 2016-187)



Universidade Federal de Pernambuco
Centro Acadêmico do Agreste
Núcleo de Formação Docente
Licenciatura em Pedagogia

Avaliação Final de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

Aluno: _____

Tâmires Karen Eloi das Chagas

Título: DEBATES SOBRE GÊNERO: olhares Acerca do Trabalho Docente em Escolas de Ensino Fundamental

Monografia () Artigo Científico ()

Data da defesa: 18 de julho de 2016

Orientadora: _____

Profa. Allene Lage

Nota: _____ ()

Avaliador 1:

Profa. Emanuely Arco Íris Silva

Nota: _____ ()

Avaliador 2:

Profa. Maísa dos Santos Faria

Nota: _____ ()

Nota final: _____ ()

Aprovado () Aprovado com correções () Não aprovado ()

Comentários (caso necessário): _____

Dedico este trabalho a minha mãe Rosilene Severina de Eloi que sempre deu-me formas para permanecer na vida acadêmica, e que lutou bravamente para que meus objetivos fossem alcançados.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao Deus da minha vida, que me manteve firme nesta caminhada.

Agradeço as minhas irmãs e avôs que sempre me deram forças para não desistir.

Agradeço ao meu noivo que sempre esteve comigo durante todo o meu percurso acadêmico e que sempre esteve ao meu lado nos bons e nos maus momentos da minha vida.

Agradeço aos meus amigos que sempre me apoiaram dentro e fora da academia. Cada um de vocês deixa em mim momentos de muita alegria e cumplicidade.

Agradeço aos meus colegas por diretamente e indiretamente contribuírem na minha formação pessoal, social e acadêmica.

Agradeço a minha orientadora que me ajudou, incentivou e me guiou no decorrer deste trabalho.

Agradeço a todos os meus professores e professoras que deixaram em mim suas marcas.

A todas/os obrigada por estarem comigo nesta jornada.

Ao classificar os sujeitos, toda sociedade estabelece divisões e atribui rótulos que pretendem fixar as identidades. Ela define, separa e, de formas sutis ou violentas, também distingue e discrimina.

Guacira Lopes Louro

RESUMO

Este é um trabalho de conclusão de curso (TCC) que teve como objetivo compreender como as experiências formativas dos professores e professoras vêm contribuindo para uma formação (não) sexista das jovens que estão cursando o ensino médio. Temos como metodologia a abordagem qualitativa e método do Caso Alargado para ampliar as nossas discussões. A pesquisa foi realizada na cidade de Gravatá-PE e teve como entrevistados professoras/es e alunas do Ensino Médio. Nosso trabalho busca analisar como as práticas das/os docentes em sala de aula influenciam as estudantes de forma positiva e negativa. Buscamos compreender a visão das estudantes sobre as discussões sobre gênero e quais as imposições machistas, sexistas e misóginas que estas estudantes vivenciam dentro do contexto escolar. Ainda buscamos analisar as características do Ensino Médio e como este pode ser um momento propício para as discussões de gênero e de emancipação destas/es jovens. Acreditamos que cada vez mais as temáticas de gênero devem ser trabalhadas dentro do contexto escolar, visto que as jovens ainda vivenciam dentro da escola práticas preconceituosas. São práticas que acontecem por parte das/os professoras/es, por muitas vezes acreditarem que mulheres e homens são diferentes e vem dos próprios estudantes que ainda possuem uma visão dicotômica entre o gênero feminino e masculino. Tendo em vista este contexto, compreendemos que as/os professoras/es são fundamentais para proporcionar as reflexões a cerca da temática de gênero com o propósito de emancipar estas/es estudantes.

Palavras chaves: Educação e Gênero; Ensino Médio; Prática Docente.

ABSTRACT

This is a completion of course work aimed to understand how the formative experiences of teachers have contributed to a formation (not) sexist of young people who are attending high school. We use the qualitative approach and the Method of Enlarged Case to expand our discussions. The survey was conducted in the town of Gravatá-PE and had the interviewed teachers and students of high school. Our job seeks to analyze how the teachers practices in the classroom influence students positively and negatively. We seek to understand the views of female students on the discussions about gender and what chauvinistic, sexist and misogynist taxes that these students experience within the school context. Still we analyze the high school characteristics and how this can be a moment for gender discussions and emancipation of these young. We believe that more and more issues of gender should be worked within the school context, as the young people still experience in those spaces prejudiced practices. These practices take place by the teachers, by often believe that women and men are different and comes from the students themselves who still have a dichotomy between female and male. Given this context, we understand that the teachers are essential to provide the reflections about the gender issues in order to emancipate these students.

Key words: Education and Gender; High school; Teaching Practice.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
REFERENCIAL TEÓRICO	14
1.1.Educação e gênero	14
1.2.Ensino Médio	17
1.3.Prática Docente	19
PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	24
2.1.Abordagem qualitativa	24
2.2.O Método do Caso Alargado	25
2.3.Instrumentos de pesquisa.....	25
2.4.Delimitação do campo	26
O CASO DE DUAS ESCOLAS ESTADUAIS DE REFERÊNCIA EM ENSINO MÉDIO DE GRAVATÁ	27
3.1. Educação e gênero	29
3.2. Ensino Médio	33
3.3. Prática Docente	37
SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	41
4.1. Educação e gênero	41
4.2. Ensino Médio	45
4.3. Prática Docente	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	56

INTRODUÇÃO

O nosso país vem passando por uma crise que não só se embasa no cunho político, mas que engloba uma série de questões sociais e ideológicas. É recorrente a luta entre pessoas que se dizem de direita com as pessoas ditas de esquerda. Esta luta não é apenas para ver quem assume o poder, é uma luta que define como procederão as questões sociais deste país.

Muitos que seguem a linha de direita fazem parte da chamada bancada conservadora e vem pregando um discurso de ódio, tenta definir as atitudes de homens e de mulheres a partir de suas concepções religiosas e, este discurso atinge aqueles/as que não fazem parte destes conceitos, como os homossexuais, pessoas que seguem religiões não cristãs, mulheres que vem lutando pela liberdade feminina que contempla um maior acesso na política e o domínio de suas próprias vidas, o que é visto com uma afronta, já que para tal discurso conservador que vem se proliferando, a mulher dever ser “bela, recatada e do lar” (palavras da revista semanal *Veja*, que segue a linha de direita).

A esquerda, em sua grande maioria, segue uma linha progressista, e de certa forma vem buscando dar mais visibilidade, participação e inclusão das minorias. Este apoio às minorias geram conflitos, já que desestabiliza o poder dos conservadores, que querem em muitos casos legitimar seus preconceitos.

Com o impeachment da atual presidente do Brasil, Dilma Rousseff, os discursos de ódio contra as minorias vêm aumentando em grande proporção. Este caso polêmico que permeia o nosso país está gerando violência com os que não se encaixam ao padrão que é pregado pelos conservadores. Percebemos isto, por exemplo, nas redes sociais que cada vez mais estão sendo usadas para atos de violência simbólica, agressões homofóbicas, racistas e sexistas, por conta de uma moral estabelecida à sociedade, estas pessoas têm cada vez mais seus direitos lesados.

Estes acontecimentos mostram que as discussões de gênero precisam cada vez mais serem trabalhadas, visto que ainda acompanhamos frequentemente situações sexistas e de violência contra as mulheres. Muitas mulheres vêm se empoderando e ocupando espaços nunca antes ocupados por elas, mas isto não significa dizer que não exista uma opressão social.

Podemos perceber isto nos grandes acervos de produções de autoras renomadas como Guacira Lopes Louro, Joan Scott, Judith Butler, que dão suporte ao se pensar e discutir as relações de gênero e que trabalham nas diversas linhas do pensamento desta temática, como a teoria queer, os pensamentos feministas, sexualidade, sexismo e a educação.

A escola geralmente contribui para estes estereótipos, pois incentiva a construção e afirmação de atitudes machistas nas atividades escolares e em sala de aula. Isso pode acontecer por que a maioria das/os professoras/es pode não ter conhecimento e/ou formação sobre a temática de gênero e com isto acabam por não trabalharem com esta problemática, já que a desconhecem.

Entendendo que as questões de gênero ainda precisam ser trabalhadas na área educacional, esta pesquisa de conclusão de curso (TCC) trilha este caminho. A escolha vem por compreendermos que temos uma sociedade machista que se incomoda com as lutas e as vitórias que as mulheres vêm conquistando e que quer impor um ideal do gênero feminino a ser seguido. O machismo infelizmente segue presente nas famílias, na área de profissional, e nas escolas onde são encontrados discursos sexistas que fogem do caráter emancipador que deveriam ter as redes de ensino.

A partir do momento que nascemos nos são impostos padrões relacionados aos gêneros. Não é à toa, por exemplo, que os quartos das bebês sejam cor de rosa, que está ligado a delicadeza, o que toda mulher, pelos parâmetros sociais, deveria seguir. Para a mulher, sempre foram ditadas as regras de como ela deve ser, como deve andar, se vestir, falar, quem deve amar. Ao chegar à adolescência, encontramos uma fase onde são cada vez mais impostos comportamentos que essas adolescentes devem seguir, e mesmo que hoje estas jovens já pensem em estudar e trabalhar, é ainda designado à elas estudar para ser uma boa esposa, ajudar os filhos nas tarefas escolar. Para quem busca mais que isso, não há como não ter conflitos, pois fazer outras escolhas para si mesma em uma sociedade machista implica em ir contra os princípios antecipadamente decididos para aquela que nasce mulher.

Compreendendo que a escola ainda é um campo fértil para discursos preconceituosos e que as discussões de gêneros precisam ser trabalhadas por professoras e professores, para que possam desnaturalizar a opressão feminina, nossa pesquisa visa estudar: **Como as experiências formativas dos professores e professoras vêm contribuindo para uma formação (não) sexista das jovens que estão cursando o ensino médio?**

Buscamos com o objetivo geral: Compreender o modo como as experiências formativas dos professores e professoras vêm contribuindo para uma formação (não) sexista das jovens que estão cursando o ensino médio. Já em nossos objetivos específicos procuramos: Identificar quais as principais experiências formativas dos professores e professoras do ensino médio sobre educação não sexista; Verificar se há pontos abordados pelos professores e professoras acerca do debate de gênero em sala de aula; Analisar se as jovens que estão cursando o ensino médio compreendem as discussões em relação à temática

de gênero. Esta pesquisa será realizada na cidade de Gravatá-PE com as estudantes e professoras/es do Ensino Médio.

Contudo, cada vez mais percebemos que nem tudo sobre gênero foi falado e que há muito que se pesquisar que se dizer e o que se pensar sobre as tantas perspectivas que estão dentro dos estudos de gênero. Tais discussões precisam avançar na escola, já que esta é um espaço que possibilita reflexões e mudanças. Obviamente que para que aconteça este ato reflexivo, a figura das/os professoras/es torna-se fundamental, tanto para libertar das amarras dos preconceitos e estereótipos, quanto para reforçá-los, pois mesmo que os/as docentes não queiram influenciam na formação das/os alunas/os, o que pode ser de forma negativa estimulando a misoginia, por exemplo, ou de forma positiva trabalhando as desigualdades de emprego entre homens e mulheres, de qualquer forma a figura desta/e profissional é uma referência na construção cidadã das/os estudantes.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste tópico visamos tecer os diálogos que os/as autores/as trazem sobre cada temática que serão discutidas, para que desta forma tenhamos suporte e embasamento no que está sendo desenvolvido. Nossas categorias estão divididas em Educação e gênero, Ensino Médio e Prática Docente.

1.1. Educação e gênero

As temáticas trabalhadas sobre gênero não são recentes e há muito se vem discutindo sobre seus aspectos. Mas apesar de muito se ter estudado sobre as linhas que competem às discussões de gênero nas mais diversas áreas de conhecimento como a psicologia, a educação, sociologia, ainda há muito por se falar, pois este não é um tema acabado e sempre surgem novos conflitos e novas propostas de discussões e diálogos. Para entender como se chegou às discussões presentes sobre gênero, faz-se necessário ter um olhar no passado porque é preciso buscar o que se entendia por sexo feminino e sexo masculino e como esta visão ainda influencia na atualidade.

Em toda sociedade patriarcal, existiu as divisões de papéis, mulheres e homens tinham funções diferentes e a educação veio para educá-los nestas diferenças, mulheres deveriam ser educadas para o lar e os homens para o comando. Muitas mudanças aconteceram na história da humanidade, isso influenciou nas discussões de gênero e trouxe um novo recorte para muitas questões que ainda eram consideradas um tabu e que eram censuradas pela sociedade. Por muitos séculos foi dado ao homem um papel e uma função e ao mesmo aconteceu à mulher. As relações de gênero foram e são tratadas de forma diferente e desigual desde muito tempo como nos mostra Priore (2008) ao falar que:

“os homens eram bastante dependentes da imagem que suas mulheres pudessem traduzir para o restante das pessoas de seu grupo de convívio. Em outras palavras significavam um capital simbólico importante, embora a autoridade familiar se mantivesse em mãos masculinas, do pai ou do marido. Esposas, tias, filhas, irmãs, sobrinhas (e serviçais), cuidavam da imagem do homem público; esse homem aparentemente autônomo, revoltado em questões de política e economia, estava na verdade rodeado por um conjunto de mulheres dais quais esperava que o ajudassem a manter sua posição social” (PRIORE, 2008, p. 230).

Ao situarmos alguns períodos históricos passados, a imagem que temos é de uma mulher que vivia em função da casa dos filhos e do marido, os homens, no entanto, estavam envolvidos na área política, econômica, além de ser este o senhor da casa. Na fala de Priore

(2008) é possível compreender o lugar de submissão que a mulher ocupava. Tínhamos uma mulher com função exclusiva do lar, onde não podia pensar e nem mostrar suas capacidades.

A luta das feministas foi e ainda é importante para que as mulheres e até os próprios homens percebam que a relação entre mulheres e homens está repleta de desigualdades e de violências que tiram e excluem os direitos femininos. Hoje, mesmo já sendo outros tempos, ainda encontramos mulheres que sofrem com a imposição sexista de nossa sociedade. Todo esse contexto nos leva às reflexões de Moreno (1999) que traz que:

O androcentrismo consiste em considerar o ser humano do sexo masculino como o centro do universo, como a medida de todas as coisas, como o único observador válido de tudo o que ocorre em nosso mundo, como único capaz de ditar leis, de impor a justiça, de governar o mundo (MORENO p. 23).

A imposição sexual está presente nos campos sociais como na família, escola, instituições religiosas, nas relações de trabalho, sendo assim, a luta das mulheres é uma luta necessária, visto que os campos sociais estão repletos de regras que ditam o que homens e mulheres devem seguir e agir. Dão ao sexo masculino o direito de pensar, de liberdade e, mesmo dizendo que a igualdade existe e que é para todos, quando as mulheres decidem usar de sua liberdade e de seu direito de pensar é massacrado pelas imposições sexistas ainda presentes. Moreno (1999) afirma que:

O androcentrismo, um dos preconceitos mais graves e castradores de que padece a humanidade, vem impregnando o pensamento científico, o filosófico, o religioso e o político há milênios. Tantos séculos pensando de uma maneira podem levar a crer que não há outra maneira possível de pensar e, estando tão presos a algumas ideias, parece que somos incapazes de refletir sobre elas e de criticá-las, como se fossem verdades inalteráveis.”(MORENO, 1999, p. 23).

Quando a autora traz sua abordagem de androcentrismo nos faz refletir os massacres e imposições sexistas poderão ser sanados se foram discutidas e dialogadas. E neste viés que a escola ganha um papel importante. É na escola que pode se pensar a respeito da dicotomia sexual que ainda vivemos. A escola torna-se um lugar propício para que haja possibilidades de discutir as diferenças de gênero presentes na sociedade, orientando as/os estudantes a refletirem sobre igualdade e direitos.

As pessoas compreendem gênero muitas vezes como a identificação do feminino e do masculino, pauta-se apenas para definição de qual sexo nasce e há muito tempo os estudos vêm mostrando que falar de gênero é muito mais que identificar alguém como gênero (sexo) masculino ou feminino. Butler (2006) afirma que:

Afirmar que el género es una norma no es lo mismo que decir que hay visiones normativas de La feminidad y de La masculinidad, aunque

claramente existan dichas visiones normativas. El género no ES exactamente lo que uno «es» ni tampoco precisamente lo que uno «tiene» (BUTLER, 2006, p.69 e 70).

Para compreender gênero, o percurso não deve apenas trilhar exclusivamente o caminho da biologia, isto implica enxergar homem e mulher como macho ou fêmea, ou seja, gênero discutido como sexo. Esta visão limita a discussão sobre gênero, que não apenas abarca as questões biológicas do ser, mas que se apoiam em questões culturais, políticas, educativas, sociais.

Sabemos que existem conceitos formados e enraizados dentro do seio da sociedade que define os modos e atitudes dos que possuem um órgão genital feminino e dos que possuem um órgão genital masculino. O discurso biológico ao qual nascemos nos impõe regras a serem seguidas, tal discurso também tira a nossa identidade, a nossa subjetividade.

Quando compreendemos que somos mais que seres biológicos, refletimos que as questões sociais, culturais, políticas, religiosas, ambientais, influenciam na construção de nossa identidade. Logo, quando não percorremos o caminho da biologia, se assume uma rebeldia, quando se admite o que se pensa, e o que o seu ser sente e quer, causa afronta às regras sociais que há tanto tempo vem definindo, ditando e constituindo como devemos prosseguir de acordo com o nosso sexo (órgão genital).

No ideal de ser humano, sempre existiu a construção imposta de uma identidade masculina e identidade feminina, para LOURO (2011):

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou pensa sobre elas que vai construir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento (LOURO, 2011, p 25).

Essas identidades estão ligadas a cultura falocêntrica, onde o homem era o senhor e a mulher aquela que o servia. Hoje, novas identidades são construídas, já não temos as mesmas mulheres e muitas vêm lutando para ocupar novos espaços dentro da sociedade que pertencia apenas aos homens.

As mulheres vêm construindo novas identidades dentro de suas casas, dentro de seus empregos. Isto mostra que a identidade construída e muitas vezes imposta às mulheres pela cultura machista vem se modificando. Essas novas identidades são visíveis, por exemplo, quando elas lutam para ganhar o mesmo valor salarial que os homens, por liberdade sexual, por liberdade de pensamento, sua inclusão na política.

O sistema social no qual vivemos, carrega o machismo em seu cerne, classifica as pessoas, tenta definir a nossa subjetividade, nos impedir de construir diferentes identidades e nos impõe identidades já construídas de homens e de mulheres, identidades estas que podem vir repletas de desigualdades de gênero. Louro nos faz refletir sobre a visão de um estereótipo feminino que persegue as mulheres quando diz que “Ao classificar os sujeitos, toda sociedade estabelece divisões e atribui rótulos que pretendem fixar as identidades. Ela define, separa e, de formas sutis ou violentas, também distingue e discrimina (Louro,200, p.12)”. Nesta reflexão o que notamos é que já não cabe mais a mulher serva para a evolução social que estamos caminhando, mas, ao mesmo tempo, a luta por independência e por liberdade de mulheres que construíram uma nova identidade em relação às discussões de gênero ainda é necessária, pois ainda convivemos com pessoas que pararam no tempo para as mudanças, e não aceitam que outras pessoas construam identidades diferentes das que foram estabelecidas. Para que a liberdade aconteça, os conflitos são também necessários, este é um caminho para alcançar liberdade, para assumir as identidades que construímos dentro das escolas, em nossos empregos, em nossas famílias, nos lugares que habitamos. Não é uma luta fácil, mas é uma luta necessária.

1.2. Ensino Médio

Antes trazermos o que é falado sobre o ensino médio, situamos que a educação básica brasileira se divide em educação infantil, educação fundamental, ensino médio ensino superior. Tendo em vista esta divisão compreendemos que a educação em todo seu tempo tem como objetivo a formação, seja ela com de cunho pedagógico, social e cidadão, ou de cunho técnico, mão de obra e de controle social. A escola faz parte das nossas vidas deste muito cedo, nela passamos geralmente treze anos onde somos ensinados a ler e escrever, discutir e refletir, é também este o lugar que construímos laços afetivos e que somos preparados para a vida pós-término do ensino médio.

Todo escola pretende algo com seus métodos de ensino, esta não caminha só, é uma instituição que com seus métodos de ensino pretende trabalhar com os alunos não apenas questões de cunho social e educativo, por trás do que se é trabalhado na escola tem interesses políticos e econômicos, pois “A educação nunca é neutra nem apolítica, pois envolve interesses que extrapolam o âmbito escolar (GONSALVES, 2005, p.13)” como exemplo, por muito tempo foi negado aos jovens o direito a criticidade, o ensino médio era algo mais técnico e com função exclusiva de preparar as/os estudantes para o mercado de trabalho.

Hoje esses jovens continuam sendo preparados para o mercado de trabalho, e mesmo que os três anos de ensino médio estejam voltados para o exame nacional de ensino médio (ENEM), ao mesmo tempo por lei devem aprender a refletir e a questionar o mundo que os rodeiam. Observamos a importância do ato reflexivo em um dos documentos que caracteriza as competências do ensino médio, a LDB- Lei de Diretrizes e Bases que sinaliza na seção IV, art. 35 que ao chegar aos anos finais da educação básica os jovens devem ter:

II – a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;

III – o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico. (BRASIL, 2012. P.18).

O ensino médio caracteriza-se por ser responsável pelos anos finais da educação básica, por ser uma etapa que de certa forma fecha o ciclo na vida dos estudantes, pois ao fim deste, os alunos começam a pensar em trabalhos, em cursos, faculdades. É uma etapa muito importante para as/os estudantes. As perspectivas dos anos finais da educação básica não visam com exclusividade uma formação que prepare para um vínculo de trabalho, nela é possível formar os alunos e alunas enquanto cidadãos/ãs. Segundo Candau (1999):

Educar para a cidadania exige educar para a ação político-social e esta, para ser eficaz, não pode ser reduzida ao âmbito individual. Educar para a cidadania é educar para a democracia que dê provas de sua credibilidade de intervenção na questão social e cultural. É incorporar a preocupação ética em todas as dimensões da vida pessoal e social (CANDAU, 199, p. 12).

Diante dos acontecimentos políticos presentes em nosso país, não podemos negar a importância da escola para a formação das/os jovens, faz necessário que eles compreendam o que acontece em seu país e que se posicionem que reflitam sobre como e onde essas mudanças afetam suas vidas. Mesmo que o ensino médio tenha como grande foco a preparação para o mercado de trabalho, haja vista que muitas vezes o ensino está voltado para o Exame Nacional de Ensino Médio- ENEM, e respectivamente ao ingresso em cursos técnicos ou superiores, é definido por lei que também deve se preocupar com a formação social e cidadã destes estudantes. O que nos leva a pensar na importância de ter um diálogo que ultrapasse as barreiras das atuais disciplinas como português e matemática, e que nos leve a questionar como podemos através de tais disciplina trabalhar com estas/es jovens problemas sociais que atingem nossos país.

Para estas/es jovens o ensino médio vem como um espaço que possibilita não apenas ter acesso às tecnologias, mas de discutir sobre essas, é um espaço que pode proporcionar

momentos de criticidade e de entender a responsabilidade política e cidadã que cada uma e cada um tem. Jovens que conheçam não apenas sobre fórmulas química e regras matemáticas, mas que consigam dialogar as temáticas que influenciam diretamente em suas vidas.

É importante que ao sair do ensino médio tenham jovens que tenham responsabilidades com as decisões que são tomadas em seu país, que compreendem quais os seus direitos e deveres como cidadãos e cidadãs, jovens que discutam seu próprio ambiente de aprendizagem. Mesmo que a/o aluna/o esteja sendo preparado para o ENEM, já não cabe mais um ensino que tenha como foco exclusivamente uma prova. Haja vista que existem possibilidades do diálogo acontecer em sala de aula intercalando a diversidade nas disciplinas.

A LDB no art.36 informa que:

I - destacará a educação tecnológica básica, a compreensão do significado da ciência, das letras e das artes; o processo histórico de transformação da sociedade e da cultura; a língua portuguesa como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania. (BRASIL, 2012, p.18).

Com esta citação vemos a importância de que o ensino médio não esteja apenas formando uma juventude para ingressar no mercado de trabalho, mas que ao longo dos três anos finais da educação básica possam conhecer mais sobre seu país, seu estado, suas cidades, sobre os direitos dos índios, dos negros, das mulheres, sobre democracia, etc.

É interessante ressaltar ainda que os jovens são bem diferentes entre si, ao mesmo tempo em que temos jovens que lutam por melhorias na educação como acontece em São Paulo, temos jovens que ainda não entenderam que é preciso respeitar o espaço do outro, por exemplo, ao ter relações sexuais alguns jovens postam nas redes sociais expondo o corpo e a integridade da outra pessoa. Por isso vemos a importância das escolas estarem voltadas a um ensino formador, que possibilite o diálogo e as reflexões com e entre essas/es jovens, para que assim seja possível uma sociedade mais justa e mais igualitária, e isto será possível através do conhecimento, e é na escola, nas salas de aulas com essas/es jovens que estas reflexões podem nascer.

1.3 Práticas docentes

A prática docente é formada por vários saberes, os pedagógicos, curriculares, experiências profissionais e experiências de vida. Todos esses saberes constroem a/o profissional e influencia diretamente no trato que esta/e terá em sala de aula e concomitantemente influenciará na aprendizagem dos estudantes. Professoras/es estão sempre

em processo de aprendizagem, precisam se reciclar, visto que o mundo está sempre em mudanças.

Mesmo com o acúmulo de diversas experiências, as/os professoras/es não são os detectores do saber, e é importante que os mestres incitem os alunos ao ato de pensar e refletir, compreendendo que “ensinar não é transferir conhecimento, mais criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” (FREIRE, 2009, p. 47). Quando a/o docente tem uma prática reflexiva, ele leva a/o aluna/o não apenas a construir saberes de cunho disciplinar, leva os alunos a refletir, pensar, compreender problemas que perpassam a nossa sociedade, discussões como o racismo, sustentabilidade, discussões de gênero. Como afirma mais uma vez Freire (1993) “Quando a prática é tomada como curiosidade, então essa prática vai despertar horizontes de possibilidades. [...] Esse procedimento faz com a que a prática se dê a uma reflexão crítica. (p. 40)”. Como traz o autor, é possível refletir a importância que as/os professoras/es têm para a escola e para as/os alunas/os. Não apenas por que podem preparar os alunos para os saberes necessários e exigidos pelos programas de ensino, mas são essas/es profissionais, que quando assumem uma prática docente liberadora, emancipa as/os estudantes.

A contribuição não está apenas no viés da aprendizagem, mas em um ensino que busque mostrar as desigualdades que existem em nosso sistema social e incentivar as/os estudantes para lutar pela igualdade e para o cumprimento dos seus direitos. Pode parecer pouco, mas quando um/a professor/a usa alguma dinâmica para trabalhar com as/os alunas/os conceitos sobre diversidade, esta/e docente abre a mente das/os alunas/os, os permite a conhecer outras formas de pensamentos. E essa prática pode fazer grande diferença na vida dessas/es estudantes. Gauthier (2006) reflete que:

É muito mais pertinente conceber o ensino como a mobilização de vários saberes que formam uma espécie de reservatório no qual o professor se abastece para responder a exigências específicas de sua situação concreta de ensino (GAUTHIER, 2006, p. 28).

Para tantas mudanças que já passamos na construção da sociedade, já não cabe mais uma escola que se fixe em um ensino arcaico que trabalhe apenas com conteúdos disciplinares, para, além disso, a escola precisa se abrir ao novo que vem chegando e às novas discussões que vêm surgindo e que precisam ser trabalhadas em sala de aula e vivenciadas pelas/os alunas/os. Como afirma Schön (2000):

Os profissionais competentes devem não apenas resolver problemas técnicos, através da seleção dos meios apropriados para fins claros e consistentes em si, mas devem também conciliar, integrar e escolher

preciações conflitantes de uma situação, de modo a construir um problema coerente que valha a pena resolver. (SCHÖN, 2000, p. 17).

Sabemos que a escola é um ambiente para fazer nossos amigos, para aprender, construir novos saberes, de levar saberes, de refletir. Mas essa é também a escola da divisão, discriminação, dos preconceitos. Nossas escolas trabalharam com divisões entre pobres e ricos, negros e brancos, entre mulheres e homens. Mesmo com as várias mudanças educacionais por quais passamos, esta ainda continua dividindo e separando, como afirma Louro: “Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso (2000, p. 57).” As desigualdades de gênero sempre existiram dentro da escola, sempre houve uma forma diferente de lidar com meninos e com meninas. São atitudes sutis, mas que incitam as diferenças de gênero para que sejam perpetuadas no ambiente escolar. Ainda para Louro (1997):

Currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos, processos de avaliação são, seguramente, *loci* das diferenças de gênero, sexualidade, etnia, classe — são constituídos por essas distinções e, ao mesmo tempo, seus produtores. Todas essas dimensões precisam, pois, ser colocadas em questão. É indispensável questionar não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e que sentidos nossos/as alunos/as dão ao que aprendem. (LOURO, 1997, p.64).

As diferenças de gênero podem aparecer no currículo escolar, na diferenciação de atividades entre os e as estudantes, no posicionamento das/os professoras/es, das/os gestoras/es. Práticas de separar garotos e garotas em fila, orientar as estudantes a brincarem em pátio escolar e os estudantes em quadras, dar ênfase apenas aos alunos a participarem de atividades em laboratórios, tudo isso são práticas sexistas que limitam principalmente as alunas de participarem plenamente de atividades escolares. Essas práticas reforçam a ideia de que existe um lugar que pertence aos homens e outro que pertence às mulheres e negam a liberdade e a igualdade para as alunas. Rodrigues e Barreto trazem que:

A escola é responsável pela manutenção e criação das hierarquizações geradas a partir das ideias de masculinidade e feminilidade. Nos seus instrumentos oficiais curriculares e nas suas ações cotidianas as apresentações, estigmatizadas ou não, orientam as avaliações realizadas em torno dos sujeitos (RODRIGUES e BARRETO 2013, p. 75).

A escola acaba desta forma se tornando um espaço para reforçar os preconceitos de gênero, pois a partir do momento que ela define espaços que devem ser contemplados por homens ou por mulheres, define formas para quem pertence ao gênero feminino e ao gênero masculino. E as/os professoras/es podem acabar reforçando esses estereótipos em sala de aula, construir mesmo que de forma indireta, a ideia da submissão da mulher e a valorização

do gênero masculino. Por exemplo, um/a professor/a que decide que os meninos devem participar mais que as meninas dos laboratórios de química e física nas escolas, potencializa a ideia de que algumas práticas não são para o gênero feminino.

Na educação básica, desde a educação infantil ao ensino médio, passamos por várias práticas sexistas. São atitudes simples, mas que revelam a imposição da construção da identidade do feminino e do masculino. São práticas cotidianas como falar: menina cruza as pernas, pare de correr, se comporte como uma mocinha, moças não jogam bola é coisa de rapazes, tem que estudar para ser uma boa mãe e esposa. Essas práticas de repressão das meninas e moças na escola estimulam a ideia de que gênero é algo que já está construído e que é errado sair do que já está decidido para elas.

A escola é um ambiente que deve receber todas/os. Mas, receber todos não significa que isto foi realizado de forma igualitária. Muitas vezes é perceptível o despreparo das escolas, das/os professoras/es para discutir gênero, isto pode ocorrer porque muitas escolas e as/os próprias/os docentes não compreendem que as desigualdades estão presentes também no contexto escolar e que é necessário trabalhar com esta temática já que uma das funções da escola é emancipar as/os estudantes.

Discutir gênero não é apenas dizer que todas as cores são de meninos e meninas, que garotas podem jogar futebol, isso é só um começo, porque discutir gênero deve partir da concepção da escola refletir juntos às alunas/os os espaços que homens e mulheres ocupam, discutir por que ainda existe violência sexual, por que mesmo trabalhando as mesmas horas que os homens as mulheres continuam ganhando menos. É mostrar que temos um sistema desigual em relação a homens e mulheres, mostrar que os preconceitos existem e que é preciso a luta por igualdade. Para que estas discussões aconteçam professoras/es carecem ter como importantes essas discussões em sua prática, como nos fala Tardiff (2005):

[...] a relação dos docentes com os saberes não se reduz a uma função de transmissão de conhecimento já construídos. Sua prática entrega diferentes saberes, como os quais o corpo docente mantém diferentes relações. Pode-se definir o saber docente como um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais (TARDIFF, 2005, P.38).

Professoras/es caminham conosco desde a educação infantil, estas/es profissionais tem um papel importante na nossa construção, papel este que pode ser positivo ou negativo, visto que as concepções das/os professoras/es são diferentes, cada um tem uma maneira de mostrar conteúdos disciplinares e não disciplinares às alunas/os. Muitas vezes não é pensado nas experiências que as/os professoras/es trazem e que de certa forma colaboram para a formação

das/os estudantes. Ao assumir uma sala de aula, a/o docente não leva apenas questões de ensino e aprendizagem, estão presentes também questões de subjetividade, de vivências e de ideologias que serão transmitidas em sala de aula para cada aluna/o.

2. PROCEDIMENTOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos de uma pesquisa não são uma receita pronta que a/o pesquisadora/or deverá seguir cegamente, esta é uma forma de orientar o caminho que esta/e seguira e mostrar à/ao leitora/or como a pesquisa estará organizada, mostrando o conjunto de técnica que foram utilizados para nortear o trabalho científico, ajudando às/aos leitoras/es a compreender a proposta de suas investigações.

2.1. Abordagem Qualitativa

Entendendo que uma pesquisa não é apenas levantar as informações necessárias e que é preciso considerar o sujeito enquanto contribuintes da pesquisa, a abordagem qualitativa permite uma maior aproximação com os sujeitos escolhidos, levando em consideração questões de vivências e experiências. Pensando nesta perspectiva e para que o trabalho esteja com base sólida, foi empregada a abordagem qualitativa por entender como afirma Rey que:

A Epistemologia Qualitativa defende o caráter construtivo interpretativo do conhecimento, o que de fato implica compreender o conhecimento como produção e não como apropriação linear de uma realidade que se nos apresenta. A realidade é um domínio infinito de campos inter-relacionados independente de nossas práticas; (REY, 2005, pág. 5).

Não podemos negar que os sujeitos da pesquisa são também fonte de conhecimento para a/o pesquisadora/or, e que isto contribui para alcançar os objetivos pretendidos, com isto, ao utilizar a pesquisa qualitativa compreendemos a/o entrevistada/o não apenas como alguém que possibilitou uma informação, mas alguém que contribuiu diretamente para alcançar os dados relevantes, como alega Minayo (2008):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela ocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes (MINAYO, 2008, pág.21).

Sendo assim, este tipo de pesquisa fornece à/ao pesquisadora/or um envolvimento de forma mais intensa com o mundo da/o pesquisada/o, proporciona entendê-la/o a partir de sua realidade, promove uma aproximação entre ambas/os e de certa forma deixa a/o entrevistada/o mais livre para compartilhar suas ideias em relação à temática da pesquisa.

2.2. Método do Caso Alargado

Embasado em Santos (1983), foi utilizado nesta pesquisa o Método do Caso Alargado por este constituir importância no sentido de ampliar o conhecimento sobre determinado assunto, por analisar os fatos de forma ampla e minuciosa, evitando as generalizações. O autor supõe que:

A riqueza do caso não está no que há nele de generalizável, mas na amplitude das incidências estruturais que nele se denunciam pela multiplicidade e profundidade das interações que o constituem. Em vez de delinear por fases ou graus sucessivos de abstração o acesso dos “dados” à teoria, o método de caso alargado propõe o salto da imaginação sociológica entre o mais detalhado e minucioso e o mais geral e indeterminado. (SANTOS, 1983, pág. 12).

Para se construir o conhecimento devemos analisar determinado tópico nos diversos aspectos que os constroem e, não apenas em uma característica para assim proporcionar uma melhor construção do conhecimento.

2.3. Instrumentos de Pesquisa

Para desfrutar melhor de todos os encontros e momentos de observação com campo escolhido, foram utilizadas algumas técnicas de coletas de dados elencados como a observação participante, entrevistas semiestruturadas, conversas informais, e registro em diário de campo.

Sobre observação participante Minayo (2008) traz que:

Definimos observação participante como um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com a finalidade de uma investigação científica. O observador, no caso, fica em relação direta com seus interlocutores no espaço social da pesquisa, na medida do possível, participando da vida social deles, no cenário cultural, mas com a finalidade de colher dados e compreender o contexto da pesquisa (MINAYO, 2008, p. 70).

Não podemos esquecer que a aproximação com o campo é importa para a pesquisa, mas isto deve ser feito com a abertura da/os integrantes no lócus pesquisado. A/o pesquisadora/or precisa também está aberto à inserção dele mesmo no campo, uma vez inclusa/o, deve participar dos momentos propostos pela comunidade e não apenas se fixar em coletar os dados referentes à pesquisa.

Minayo (2008) traz grandes contribuições sobre entrevistas semiestruturadas quando diz que esta: “Combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada (p.

64)”. As entrevistas semiestruturadas é uma forma de não limitar a fala dos colaboradores da pesquisa, é também uma forma de deixá-los mais a vontade com suas próprias reflexões.

As conversas informais com o público escolhido para a pesquisa pode deixar as/os entrevistadas/os mais livres para dialogar com a/o pesquisadora/or e ainda pode revelar fatos que talvez não tenham sido expostos em entrevistas o que pode ser relevante na pesquisa.

Outra fonte muito importante para a pesquisa é o diário de campo, sobre este instrumento de coleta Lage diz que:

O diário de campo é um instrumento não só de registro, mas fundamentalmente um instrumento de análise de todo o trabalho de campo. É ainda, um instrumento de trabalho diário, literalmente diário, e por isso mesmo um incansável e por vezes saturante trabalho, que exige disciplina mas que proporciona ao próprio pesquisador(a) uma grande satisfação à medida que vai sendo construído e redescoberto a cada consulta que se faz dos passos dados. Tal como um álbum de fotografias, que nos leva ao reencontro das descobertas quotidianas (Lage, 2005, p. 452).

O diário nos possibilita voltar a reflexões anteriores. Permite-nos visitar questões talvez no momento tenham passado despercebidas.

2.4. Delimitação do campo

A pesquisa foi realizada em duas escolas estaduais e de referência da cidade de Gravatá, situada no agreste pernambucano. Na pesquisa foram entrevistados professores, professoras, alunas e alunos do ensino médio. As seleções deste público provêm da ideia de que em relação às discussões de gênero pouco tem se falado com as/os estudantes de ensino médio, entendendo ainda que estas/es jovens estão na fase final da escolarização básica, sendo necessário discutir as impressões deste sobre as temáticas de gênero.

3. O CASO DE DUAS ESCOLAS ESTADUAIS DE REFERÊNCIA EM ENSINO MÉDIO DE GRAVATÁ

Gravatá é conhecida por ser uma cidade acolhedora e rústica do interior. Seus grandes casarios remetem a um tempo antigo, como uma cidade que parou no tempo, carregando marcas de uma civilização antiga. Mesmo que esta tenha crescido em termos populacionais, ainda é recorrente um pensamento muito arcaico no que tange as comportamento de homens e mulheres. Estas concepções vêm gerando preconceitos em relação às pessoas que nessa cidade não seguem os padrões heteronormativos. Apesar das modificações sociais que passou e que vem passando o nosso país, ainda encontramos cidades como essa que muito pouco tem avançado nas discussões de gênero. As falas e os discursos sexistas estão presentes nas relações das famílias, os trabalhos e, claro, nas escolas públicas e privadas.

Existem relatos de professoras que foram perseguidas por estarem em bares bebendo depois do seus expedientes e serem notificadas de que aquilo não era característica de mulher, há fatos também de graduandos homossexuais que sofreram para conseguir estágios no campo da educação. Outro fator importante é que há uma grande violência física contra os homossexuais (homens e mulheres) da cidade e ainda tem a perspectiva de que existem dois tipos de mulheres: as para se divertir e as para casar. Todo este contexto se refletiu no âmbito educacional e de certa forma interfere na possibilidade de diálogo, pois os/as estudantes vêm com discursos arraigados, que pode dificultar que algumas ideias sexistas, machistas e homofóbicas sejam quebradas. A cidade tem ao todo sete escolas estaduais voltadas para o ensino médio, sendo uma integral, duas semi-integral, e quatro com o ensino regular.

Diante deste cenário, a pesquisa se deu em duas escolas públicas, estaduais e de referência em ensino médio do município de Gravatá. A escolha destes campos vem pelo fato de que ambas trabalham com os anos finais da educação que engloba jovens entre 16 e 18 anos e são consideradas escolas de referências para a cidade. A pedido da gestão das escolas, não revaleremos os seus nomes e nem os nomes das/os entrevistadas/os. Identificaremos os campos como Escola Pernambuco e escola Nordeste e todos as/os entrevistadas/os receberão nomes fictícios.

Iniciaremos a descrição pela Escola Pernambuco, este campo tem uma estrutura física que comporta bem os/as estudantes. É composta por treze salas de aula comportando entre trinta e cinco a quarenta alunos por sala, tem um auditório, uma sala de informática, uma sala das/os professores, uma sala de ciências (química, física e matemática), uma biblioteca,

duas quadras, uma cozinha, dois banheiros, um almoxarifado, e uma diretoria. As/os alunas/os estudam em sistema integral (manhã e tarde). Segundo a diretoria, estudam cerca de quinhentos¹ alunas/os, trabalham cerca de dezoito professores/as, quatro pessoas responsáveis pela limpeza, quatro pessoas responsáveis por questões burocráticas e secretaria, um porteiro, uma disciplinadora, uma psicóloga, um diretor. O campo tem um grande espaço para a circulação das/os estudentes. Tem um espaço reservado para suas refeições e as/os professoras/es fazem suas refeições na sala destinada a elas/es. No intervalo as/os alunas/os ocupam geralmente os mesmo espaço como as áreas livres, biblioteca e quadras.

Esta escola realiza vários projetos que são muitas vezes apresentados para a comunidade escolar, são pinturas e caricatura criadas pelas/os estudantes expostas na biblioteca da escola, projeto de literatura e produção textual, projetos relacionados ao meio ambiente e a cidadania. A instituição cede o prédio para projetos sociais proporcionado pela cidade como a capoeira, música e dança, e também cede para o centro espirita Joana D'Arc, que faz a entrega de cestas básica e de café da manhã nos sábados para a comunidade carente da cidade.

A Escola Nordeste está organizada em dezesseis salas de aula, um auditório, uma sala de informática, uma sala dos professores/as, sala de ciências (química, física e matemática), uma biblioteca, duas quadras de esportes, uma cozinha, dois banheiros, um almoxarifado, uma secretaria e uma diretoria. O que nos foi informado pelo diretor escolar é que a escola suporta cerca de quinhentos alunas/os em torno de trinta a trinta e cinco por sala, tem cerca de quinze professores, quatro funcionários responsáveis pela limpeza, três cozinheiras, uma supervisora/disciplinadora, uma bibliotecária e dois porteiros. Encontramos uma vasta área livre onde geralmente é ocupado pelas estudantes e uma grande quadra esportiva ocupada pelos estudantes.

A escola cria projetos de robótica e de literatura que são apresentados nas feiras de ciências que acontecem anualmente em todas escolas públicas e privadas de Gravatá. A escola também cede o prédio para eventos e palestras que ocorrem na cidade que englobam as áreas de educação, hotelaria, religião e política.

Por serem escolas de referência, ambas têm as mesmas disciplinas como Português, Matemática, Física, Química, Biologia, Educação Física, Inglês, História, Geografia, Empreendedorismo, Filosofia, Sociologia, Direitos Humanos, Arte. A rotina também segue igual, os alunos ficam das 8h:00 até às 17h:00, permanecem nesse horário nas segundas,

¹ As diretorias das escolas não nos forneceram documentos que informassem sobre o quantitativo de profissionais e de alunas/os. As informações vêm de suas suposições.

quantas e sextas. A rotina está dividida do primeiro ao terceiro horários com intervalo para lanche, em seguida as últimas aulas da manhã e mais um intervalo para o almoço das/os professoras/es e alunas/os que acontece as 11 horas e 30 minutos e se estende até as 13 horas e 30 minutos. O segundo turno é composto da primeira à quarta aula vespertina tendo mais um intervalo para o lanche da tarde.

Na escola Pernambuco foram entrevistado quatro professores duas professoras, seis alunas e um aluno² do terceiro ano do Ensino Médio. Na escola Nordeste foram entrevistado três professores, duas professoras e seis alunas do Ensino Médio. As/os professoras/os entrevistadas/os de ambas escolas lecionam as disciplinas de História, Geografia, Química, Biologia, Direitos Humanos e Cidadania e Língua Portuguesa. A pesquisa de campo teve o tempo de quatro meses tendo início no mês de abril e término no mês de julho de 2016.

3.1 Educação e Gênero

Ações sexistas podem se encontrar dentro do ambiente escolar, e podem ser reproduzidas por professoras/es e alunas/os. Nas entrevistas realizadas nos campos percebemos que sujeitos têm concepções diferentes sobre as temáticas que envolvem gênero.

Para o professor Karlos da Escola Pernambuco:

A uma emergência sobre esta temática, entendo que ela deve ser debatida em sala de aula e no cotidiano. Precisamos primeiro de um aporte teórico para não cometer erros de linguagem, erros sobre o assunto. Precisaria me sentir seguro para falar dele. Porque falar de um assunto sem conhecer é cometer um grande erro, e provavelmente você vai cometer um discurso machista, sexista, etc. (PROFESSOR KARLOS, extrato do diário de campo 23/05/2016).

Na mesma linha de pensamento e da mesma escola que este professor, temos o professor Ricardo que sobre gênero afirma:

É assunto muito pertinente que deve ser estudado no campo da educação e em todos os campos sociais. Nós temos uma carência sobre os estudos de gênero na educação brasileira. Por exemplo, este caso que aconteceu com esta adolescente é um caso que está sendo muito falado e que remete a outros casos, então vemos que tem uma cultura do estupro, mas a gente não tem propriedade para tratar desse assunto direito. (PROFESSOR RICARDO, extrato do diário de campo 23/05/2016).

As estudantes da Escola Pernambuco trazem reflexões que apontam posicionamentos diferentes em relação aos direitos de homens e mulheres. Quando interrogados sobre meninos e meninas com os mesmos direitos, a estudante Cléa diz que:

² Apesar de a pesquisa ter interesse de entrevistar professoras/es e alunas, este estudante traz em suas falas contribuições relevantes para este trabalho.

Cada um tem seu direito de fazer o que gosta. Cada um faz suas escolhas. Tanto ele e ela são livres para fazer o que quiserem. É tudo igual. Hoje as meninas também fazem faculdade, não ficam só em casa não, eu tenho amigas que já são casadas e vão fazer ENEM este ano. Todo mundo pode fazer o que quer (ESTUDANTE CLÉA, extrato do diário de campo 10/05/2016).

A estudante Clara pensa diferente de sua colega e aponta:

Olha, homens e mulheres são diferentes, não tem como a gente ser igual, não. Eu sei que a gente tem que ter os mesmos direitos tipo de estudar e trabalhar. Mas tipo nem sempre é igual, tem trabalho que é pra homem como mecânico, mulher não trabalha nessas coisas. É tipo manicure só quem trabalha é mulher e se for homem é gay pode ter certeza disso (ESTUDANTE CLARA, extrato do diário de campo 10/05/2016).

Essa fala nos remete às questões sexistas que podem se encontrar presentes na escola pelos professores/as e pelos alunos/as. Mais uma vez percebemos que as questões que envolvem gênero englobam mais de uma linha de pensamento, pois há vários entendimentos sobre ele. Ainda sobre a escola Pernambuco, ao refletir sobre valores femininos, a estudante Michele afirma:

Nós temos que nos dá ao respeito. Muitas mulheres ficam falando que os homens ficam soltando piada mais se são elas que ficam andando de roupas curtas, como não querem que os homens falem coisas. Tem menina que sobe em moto e fica de vestido bem curto, se vai andar de moto coloca uma calça que é muito melhor (ESTUDANTE MICHELE, extrato de diário de campo. 10/05/2016).

A partir da fala da estudante Michele, temos as falas de outras alunas que não concordam com sua linha de pensamento, a estudante Laura da Escola Pernambuco, por exemplo, explica:

Eu não concordo com isso não! E se fosse os carinhas que andassem por ai mostrando o peitoral? Eu nunca vi nenhuma mulher ficar gritando que ele é tipo gostoso como eles fazem com a gente. Os homens têm que respeitar de todo jeito, tipo eu gosto de usar roupas curtas, mas isso não quer dizer que eu quero provocar os homens. Olha eu acho assim se eu não dei indireta pro carinha ele não tem o direito de se chegar, ta ligada? (ESTUDANTE LAURA, extrato do diário de campo, 10/05/2016).

Temos também as falas da estudante Gabriela que comenta:

A mulher sempre é coloca pra baixo pode ver nas novelas, nos filmes e até mesmo quando tá afim de um boyzinho. Se ela vai atrás ai diz que ela é menina fácil, agora se o homem que paquera uma boyzinha³ ninguém fala nada e se o cara não quer já fala que curte outra fruta, sabe como é? Eu acho que todos devemos ter liberdade, se o pessoal parar de se meter na vida dos

³ Através dessa gíria, a estudante se referia a garotos e garotas.

outros as coisas melhoram (ESTUDANTE GABRIELA, extrato do diário de campo, 10/05/2016).

Ainda sobre fatos sexistas, podemos citar a conversa ocorrida no pátio da Escola Pernambuco, no dia 12/05/2016 entre a supervisora Fernanda e a funcionária do almoxarifado Ariana que comentam sobre as alunas que já estudaram na escola, mencionando uma ex-aluna em específico. A supervisora Fernanda sobre a ex-aluna questiona: será que ela ainda é virgem? Ela tem uns vinte e um anos, tu acha que é? A funcionária do almoxarifado responde: Do jeito que as coisas estão hoje, eu duvido, essas meninas são muito viradas, não se dão ao respeito, deveriam casar logo, pois é melhor do que ficar assim.

Seguindo as reflexões sobre as questões sexistas, temos a fala da professora de Língua Portuguesa Aline da escola Pernambuco, que em sua aula no dia 20/05/2016 trata sobre a questão da virgindade feminina, o que ainda é um tabu que encontramos em nossa sociedade. A professora traz dois textos, um onde fala da mudança das concepções das mulheres de ontem e de hoje. O primeiro texto fala de uma jovem virgem que atrai os olhares dos cavaleiros por sua pureza, o segundo se refere a uma mulher moderna que gosta de sair para festas e costuma ter encontros amorosos. Ao terminar as leituras, os alunos riem e escutam quando um deles fala: “tá nesse tempo de moça pura ainda é professora?” Outro aluno se referindo ao segundo texto fala: “a segunda mulher aproveitava a vida”. As alunas ficam rindo e percebemos que algumas ficam um pouco constrangidas com a leitura do primeiro texto. A aluna Laura com risos diz: “professora já era esse tempo de virgindade”. Já a aluna Emiliana se irrita e pergunta para outras colegas: “porque que ela fica falando dessas coisas?” A professora também utiliza esta aula para falar sobre os estereótipos de beleza que são impostos às mulheres. Ao entrevistarmos a professora Aline ela nos diz que:

Trabalhar coisas assim é totalmente frutífero para gente que é professor, né? Eu tenho muita vontade de conhecer mais sobre isso. Eu busco ler algumas coisas que falam sobre isso, não só pra eu ter conhecimento, mas para eu poder trabalhar na sala de aula. Eu trabalho com jovens e adolescentes que são cidadãos e que muitas vezes trazem resquícios de machismo, de homofobia e através do conhecimento eu posso fazer a minha parte enquanto professora e enquanto cidadã (PROFESSORA ALINE, extrato de diário de campo, 23/05/2016).

O professor Tales da escola Nordeste, diferente da professora Aline da escola Pernambuco em seu posicionamento sobre as discussões de gênero, diz:

Eu não vejo motivo para estas repercussões todas que as pessoas tão fazendo sobre esses casos com os gays. Sou professor nas aulas da biologia e eu estudei que a formação do homem é um órgão masculino e da mulher um órgão feminino. Olhe, eu não gosto de falar sobre isso, isso é uma safadeza, é contra a moral e contra a família. Uma coisa e a gente falar de que

mulheres também podem trabalhar outra é ficar por ai dizendo que não tem problema de homem com homem e mulher com mulher. Como professor me sinto no dever de ensinar o respeito para estes jovens para que não se percam (PROFESSOR TALES, Extrato do diário de campo, 24/05/2016).

A fala de Tales traz as concepções que podemos encontrar sobre as relações de gênero e o sexismo no ambiente escolar, pois mostra que a escola trabalha com um conceito de moral que não apenas é encontrado na fala dos professores, mas também das estudantes, como podemos ver na aula da professora Taisa da Escola Nordeste, ocorrida no dia 27/04/2016, que ao falar do corpo da mulher diz que: “nós mulheres temos o direito de sentir prazer, vocês que são jovens tem que se masturbar para conhecer o corpo, porque como outro vai saber onde tá o seu prazer se você não disser?” Os/as alunos/as ficam rindo quando a professora fala sobre relação sexual.

Ao terminar a aula, as alunas vão ao pátio e comentam o debate da aula da professora Thaisa. Muitas estudantes ficam indignadas com o assunto problematizado em sala e reprovam tal debate. Uma estudante interroga: “como uma professora pode falar uma coisa dessas?” a segunda questiona: “Você já pensou se nossas mães descobrem que é isso que estamos aprendendo na escola?” E ainda temos a terceira que fala: “Essa história de se masturbar é errada, a gente não pode fazer isso não. É nojento”. São interessantes estes diálogos porque vemos que apesar da professora mostrar que as mulheres têm o direito de sentir prazer, são as alunas que compreendem a fala da professora como errada.

A estudante Elen da Escola Nordeste mostra que a questão da virgindade para muitas mulheres é ainda algo importante, a aluna diz que:

Eu namorei e me entreguei a ele, por isso tive que noivar, eu não podia ficar por aí solta, ele fez ele vai assumir. A minha mãe quase me expulsou de casa quando descobriu e só não fez isso porque ele foi na minha casa e disse que ia me assumir. Ai ela deixou. A pessoa tem que pensar bem antes de fazer isso porque depois fica complicado, depois que perde a virgindade tem homem que não quer mais não (ESTUDANTE ELEN, extrato do diário de campo 21/05/2016).

Na Escola Nordeste temos a fala do professor Maurício que traz seu pensamento sobre as estudantes:

Lamentavelmente a gente ainda enfrenta um conservadorismo muito grande por parte das alunas. Isso vem das famílias e das religiões conservadoras e machistas. Por outro lado, a gente também tem uma abertura de muitas delas para se converter este quadro. Muitas querem ir contra o machismo, a misoginia, preconceitos com as lésbicas. Então eu vejo muito conservadorismo de um lado e muita abertura de outro (PROFESSOR MAURÍCIO, extrato do diário de campo, 24/05/2016).

A fala do professor Maurício se encaixa no que traz duas alunas da Escola Nordeste, a primeira estudante denominada Gisele ao falar sobre preconceitos de gênero, traça reflexões sobre a importância de aproximar essas discussões na escola e dos/as professores/as trabalharem em sala de aula. Para a estudante:

Cada um é cada um. A gente vê e sabe que tem muito preconceito com as meninas e com meninos que são gays, mas isso é culpa da escola, porque ela deveria dizer que isso é errado. Não só na hora que acontece algum xingamento, a escola deveria fazer uma campanha, falar que é crime bater em gays e bater em mulher. Eu também acho que os professores deveriam falar mais sobre isso, falar com o pessoal que gosta de maltratar os gays e as lésbicas, porque aqui na escola tem muito garoto que gosta de fazer mal pra eles (ESTUDANTE GISELE, extrato do diário de campo, 21/05/2016).

Discordando da colega, a estudante Iara afirma:

Se cada um ficar no seu lugar fica tudo bem. Pra mim isso de ser gay é para chamar a atenção. Não tem lógica não, você não faz o filho com dois homens e nem com duas mulheres [...]. Eu sei que hoje tem mulher que faz de tudo, mas tem mulher que quer ser mais que os homens. Acho que mesmo a gente indo trabalhar depois que sair daqui, toda mulher quer se casar é o sonho de toda mulher, né? (ESTUDANTE IARA, extrato do diário de campo, 21/05/2016).

Os personagens dos campos trazem opiniões diferentes a cerca dos debates que envolvem gênero. Nestas comunidades escolares há professores/as e alunos/as que conseguem enxergar certas imposições e preconceitos incumbidos às mulheres e aos homossexuais, e de igual modo temos professores/as e alunos/as que não consideram importante que estas temáticas sejam trabalhadas.

3.2. Ensino Médio

Neste espaço serão apontadas as afinidades entre o ensino médio e as relações de gênero através das falas dos professores/as e alunas. Muitos professores/as e estudantes vêm a escola como uma forma de quebrar certos paradigmas presentes na sociedade. A professora Ana da escola Pernambuco em seus relatos traz a importância de trabalhar questões sociais com as/os estudantes do ensino médio, para ela:

O ensino médio são os anos finais da educação, os alunos já são maiorzinhos e dá pra gente trabalhar com eles muitas questões que envolvem a sociedade. Eles estão saindo da escola, depois é a vida que ensina, eles precisam saber respeitar a todos, a gente como professor tem que ensinar o respeito também, eu sei que o foco é o ENEM, mas temos que trabalhar as questões de cidadania, eu penso assim, né? (PROFESSORA ANA, extrato do diário de campo, 23/05/2016).

A professora Ana demonstra uma preocupação que está além de ensinar os conteúdos programados para o ENEM. O professor Fábio, desta mesma escola, também vê a necessidade de trabalhar com os/as alunos do ensino médio as questões sociais. Ele traz que:

Esses jovens precisam saber dos assuntos que envolvem os direitos de todos. Eu fico pensando que esses jovens são o futuro, eles podem mudar muita coisa e para isso é preciso ensinar coisas boas para eles. Eu ensino Ética e Cidadania para esses jovens, sempre gosto de trabalhar com eles a questão do respeitar o outro, foco muito isso porque se eles que agora estão na juventude entender que é preciso aceitar o outro, então teremos um futuro melhor, menos violento, eu acho que nós, os professores, temos o dever de trabalhar com estes jovens essas questões de respeito e direito para todos, do direito da mulher porque isso pode ser bom para eles no futuro, podem ter menos desigualdade no mundo e menos mortes por não aceitar o diferente (PROFESSOR FÁBIO, extrato do diário de campo, 23/05/2016).

Já o professor Kalber desta mesma instituição traça reflexões sobre a rebeldia que é encontrada nesta idade da juventude, sendo possível apenas trabalhar com os conteúdos programados no Ensino Médio, o professor Kalber relata que:

Já é muito difícil trabalhar história com esses jovens, imagina outras coisas. Eles estão sempre fazendo piada de tudo, não têm limites na verdade eu faço o que posso. Se quiserem eu ensino, se não quiserem eu convido para sair da minha sala. Na verdade, eu sou professor deles e não pai, esses adolescentes são assim porque também não têm limite em casa. Eu tenho um filho de 16 anos e se ele se comportar mal com qualquer professor ele sabe que vai ser castigado, mas nem todos os pais colocam limite em seus filhos, por isso temos esses jovens que muitas vezes são rebeldes sem causa (PROFESSOR KALBER, extrato do diário de campo, 23/05/2016).

As jovens estudantes da escola Pernambuco vêm o ensino médio como a fase que prepara para a vida. Para a aluna Gabriela:

Aqui a gente aprende muitas coisas com os professores. As professoras nos dão dica para não engravidar agora porque somos muito novas e para que a gente estude depois de terminar aqui. Eu quero estudar muito, quero fazer faculdade de pedagogia. Não quero namorar agora porque eu estou muito nova. Eu também quero ter uma família, agora eu quero mais estudar para eu ter meu dinheiro (ESTUDANTE Gabriela, extrato do diário de campo, 10/05/2016).

As/os entrevistadas/os em suas falas mostram que entendem as competências do ensino médio, vendo esses três anos como um momento de aprendizagem e de reflexões, o que podemos perceber também em mais de um sujeito do campo, neste caso a estudante Kelly da escola Pernambuco que relata:

O ensino médio é muito importante para gente que é jovem, a gente tá estudando para evoluir, aqui a gente não aprende só contas de matemática e fórmulas químicas, a gente aprende a ver as coisas diferentes como no projeto de literatura da professora de português, a gente faz paródias, cordel

e outras coisas. No mês de fevereiro eu e algumas colegas fizemos um cordel falando do corpo das mulheres, foi muito interessante, porque a gente ficou falando em se amar do jeito que a gente é e parar de querer ser como as modelos da TV, a gente é bonita assim, eu acho que somos bonitas (risos) (ESTUDANTE KELLY, extrato do diário de campo, 21/05/2016).

Isso nos faz lembrar o fato ocorrido entre as/os estudantes na hora do recreio onde houve um desentendimento entre elas/es. Neste dia, as meninas estavam jogando na quadra principal da escola e os meninos pediram para que elas saíssem, pois queriam fazer um torneio de futebol. As estudantes se negaram a sair e assim começou a discussão entre os alunos/as. Um dos alunos diz: “vão para outra quadra, essa aqui é a de futebol”. Em contra partida uma aluna responde: “a gente tava aqui primeiro, quer jogar vá você para outra quadra”. Os estudantes insistem, mas as estudantes não saem da quadra o que leva a supervisora Fernanda a intervir entre os/as estudantes. A supervisora pede para os alunos irem para outra quadra já que as alunas estavam brincando primeiro. Ao sair um estudante fala: “nunca vi menina jogar bola, são os machinhos”. As estudantes falam que, apesar de conviverem bem no espaço das quadras, algumas vezes os estudantes agem como se a quadra fosse uma parte da escola que pertencesse exclusivamente a eles, é o que diz a estudante Gabriela:

Eles acham que a quadra é só deles, mas é nossa também, eles gostam de jogar futebol e a gente gosta de jogar vôlei e queimado. Mas isso só é às vezes quando eles querem de todo jeito fazer torneio. Eu brigo mesmo, eles ficam chamando a gente de machinho, mas eu nem ligo (ESTUDANTE GABRIELA, extrato do diário de campo, 10/05/2016).

As reflexões das estudantes Kelly e Gabriela nos levam a pensar em Renato que se considera cisgênero⁴. Este estudante causa repercussões na escola. Primeiro, por usar maquiagem que é motivo de comentários de alguns sujeitos da escola, e segundo porque esse estudante dentro do ambiente escolar luta por seu espaço. Em uma conversa informal o estudante relata que:

Gosto do meu corpo de garoto, me visto como garoto, uso maquiagem e unhas pintadas e ainda sou garoto e eu gosto de garotos [...] não deixo ser menino por usar batom e gostar de meninos. Já sofri agressão verbal por parte de alguns funcionários da escola por conta de preconceito. Na escola há garotos/as que são homofóbicas e sexistas. Eu culpo a igreja por boa parte dos insultos, ela influencia com a sua moral. Tem muita menina aqui que é sexista, ainda não se libertaram (ESTUDANTE RENATO, extrato do diário de campo, 12/05/2016).

⁴ Este termo é utilizado para designar aquele sujeito que se identifica com o gênero que lhe foi denominado ao nascer. Sua identidade de gênero não influenciará necessariamente em sua sexualidade, o que significa dizer que existem sujeitos cisgêneros que podem ser tanto heterossexuais como homossexuais.

Esse estudante tem 17 anos e procura obter conhecimento sobre as temáticas de gênero como sexismo, homofobia, transgênero, homossexualidade, etc. Tudo que este aluno fala nos leva às reflexões do professor Gustavo da Escola Nordeste que percebe possibilidades de se trabalhar reflexões que vão além dos conteúdos programados para o ensino médio. Para ele:

É muito bom trabalhar com esta idade dos 16 aos 18 anos, que é o tempo do ensino médio. Eu gosto porque eles compreendem o que trago para eles, claro que tem alguns que ficam brincando, mas dá para trabalhar com os jovens muitas coisas boas. Eu mesmo dou conselho às meninas para não casarem agora, para elas fazerem faculdade e ganhar o dinheirinho delas. Que a mulher não é mais como as de antigamente não, e eu digo isso a elas. Os tempos são outros. (PROFESSOR GUSTAVO, extrato do diário de campo, 24/05/2016).

Sobre as aprendizagens proporcionadas pelo ensino médio, trazemos a fala da estudante Júlia que aborda o que aprende nos anos finais da educação e que é possível tecer laços afetivos, a estudante diz:

Eu já tô no terceiro ano, eu gostei de estudar, gosto do ensino médio porque aqui estuda mais e aprende mais também. Estou me preparando para o ENEM, os professores ajudam muito a gente para estudar. Eu acho que o ensino médio é isso, é ajudar os alunos para passarem no ENEM. Mas a gente também ri muito aqui, brincamos, ficamos muito tempo na escola aí a gente faz muitos amigos, e depois que terminar a escola a gente vai continuar se vendo. (ESTUDANTE JÚLIA, extrato do diário de campo, 21/05/2016).

Nas falas das/os professoras/es e das estudantes vemos que o ensino médio para eles é uma etapa que preferivelmente busca-se o êxito dos/as estudantes no ENEM, mas que também é possível trabalhar com questões voltadas para a formação social e cidadã desses/as jovens. No ensino médio são criados laços de amizade entre os professores/as e alunos/as e entre alunos/os e alunos/os e aprendizagens que os/as estudantes levarão após o término da escolarização básica. Como afirma também a estudante Cibele:

Quando a gente chega no ensino médio parece que a gente já cresceu, os professores falam mais sério com a gente. Fala da matéria e fala das coisas da vida, como fazer sexo com proteção, trabalhar pra não depender de ninguém. A gente parece que tem mais responsabilidade, e ficamos mais amigos, porque a gente acaba falando com os colegas sobre o futuro. Eu só vim me preocupar com isso quando entrei no ensino médio (ESTUDANTE CIBELE, extrato do diário de campo, 21/05/2016).

Contextualizando com as questões de gênero, alguns sujeitos acreditam ser importante que aconteçam esses diálogos no ensino médio, pois compreendem que nessa etapa escolar os

estudantes conseguem refletir tais questões, e que ao refletir sobre questões de direito e igualdade se trabalha o respeito para todos.

3.3. Práticas Docentes

Ao relatarem suas concepções de práticas docentes, as/os professoras/es tentaram fazer uma ligação com as relações de gênero e com as experiências que obtiveram em sua formação. O relato da professora Ana da Escola Pernambuco traz a importância de se conhecer sobre os temas que envolvem gênero para trabalhá-las em sala de aula:

Quando eu estava na graduação não tinha uma disciplina que falasse diretamente sobre as relações de gênero, mas sempre surgiram umas discussões com os colegas sobre isso. E eu sempre procuro trabalhar em sala com os alunos. Já trouxe músicas para gente trabalhar a objetivação da mulher nessas letras, porque isso é uma questão de compreensão, nós que somos professores temos que levar os alunos a respeitarem, o respeito ao ser humano é tudo. A questão é que eu não vejo muita formação pra gente trabalhar com isso. Eu falo com os alunos porque leio e procuro me informar, tenho interesse em trabalhar sobre isso em sala de aula (PROFESSORA ANA, extrato do diário de campo, 23/05/2016).

Esta professora reflete a importância da formação sobre as relações de gênero para que possam trazer as discussões para sala de aula. A professora Aline da Escola Pernambuco reflete que existem várias formas de trabalhar questões de gênero em sala de aula que podem estar associadas às disciplinas e podem também ser discutidos no cotidiano escolar, a professora afirma que:

Prática docente é justamente a ligação de tudo, é a mistura das nossas experiências na faculdade, fora da escola, as experiências com os alunos e com os outros professores, o tempo em sala de aula. O professor traz muitas coisas de fora para sala de aula. Toda essa mistura é o que faz a sua prática. Como professora, vejo que discutir gênero não é só trazer um slide ou uma música para sala de aula, podemos trabalhar isso em uma roda de diálogo, principalmente quando partir a necessidade de se trabalhar gênero, porque às vezes acontecem situações que precisam da nossa interferência, pode ser que eu prepare a minha aula que não tem nada a ver com gênero e no meio da sala surge um comentário machista, homofóbico, sexista, preconceituoso, e eu enquanto professora e educadora vejo como minha obrigação parar a aula e discutir sobre o que está acontecendo no momento (PROFESSORA ALINE, extrato do diário de campo, 23/05/2016).

Diferente desta entrevistada, temos a fala do professor Kalber do mesmo campo estudado que traz:

É muito difícil para o professor trabalhar isso em sala de aula. Por esse ser um assunto muito polêmico requer cuidado, tem que levar em conta a idade e a maturidade de cada aluno, é um assunto muito delicado e pode causar confusão nos alunos, pois nem todos estão prontos para receber as informações que este assunto nos propõe. Eu nunca trabalhei isso com

alunos porque eu não acredito que eles estejam aptos para receber esses conteúdos. Eu tenho evitado trabalhar com isso, evito porque vejo que eles não estão maduros o suficiente, porque esse é um assunto muito complexo, ele envolve sexualidade e no meu ponto de vista muitos adolescentes não estão prontos para receber essas informações no momento (PROFESSOR KALBER, extrato do diário de campo, 23/05/2016).

As falas da professora e do professor se encaixam com as reflexões da estudante Laura da mesma escola, que acredita ser válido quando as/os professoras/es trazem reflexões além de suas disciplinas para a sala, pois possibilita que algumas questões sejam desnaturalizadas, a estudante diz que:

Acho interessante quando o professor traz coisas diferentes pra sala, faz a gente pensar em outras coisas. Teve uma atividade mesmo do professor que ele pediu pra gente pesquisar sobre as roupas de antigamente e as roupas de agora, isso foi bom porque a gente viu que hoje as meninas podem usar o que gostam e antigamente não podiam. E o professor até falou que com roupa longa ou curta tem que se respeitar. Eu acho bom quando ele fala isso na aula. (ESTUDANTE LAURA, extrato do diário de campo, 10/05/2016).

Seguindo o pensamento desta estudante temos as reflexões do professor Fábio da Escola Pernambuco que enxerga como importante enquanto prática docente buscar desnaturalizar certos preconceitos, ele alega que:

É bom trazer esta temática, uma vez que a gente deve respeitar as diferenças, eu tenho interesse nesta temática e busco conhecer um pouco mais pra justamente reforçar essa questão do respeito às diferenças, eu acho bastante importante a questão do respeito. Apesar de muitas vezes não ser o foco das minhas aulas, quando eu posso entrar com este tema eu trabalho, eu falo das diferenças e as lutas pelos direitos, é um tema que entra agregado a outro conteúdo, apesar de não ser um tema específico de minha aula (PROFESSORA FÁBIO, extrato do diário de campo, 23/05/2016).

As reflexões deste docente nos levam aos diálogos das estudantes que compreendem que a prática das/os professoras/os podem desconstruir preconceitos e ao mesmo tempo reforçá-los.

Para a estudante Cléa da Escola Pernambuco, quando a/o docente aborda temas transversais como as questões de gênero, elas/es podem ajudar a criar outras perspectivas em suas vidas, que fogem das que geralmente são impostas as mulheres como casar e ser mãe :

Os professores ajudam muito, eles falam com a gente sobre sexo, sobre não ter filho. Eles dão conselho pra gente não desistir, não deixar de fazer as coisas que gosta. Já vi as professoras falando para muitas meninas não fiquem com essa ideia de casamento agora porque elas estão muito novas e que não presta depender de marido porque ele pode se sentir o dono dela. Eu acho certo o que a professora fala, a gente tem que ser independente (ESTUDANTE CLÉA, extrato do diário de campo, 10/05/2016).

Encontramos nos campos pessoas com pensamentos diferentes. Para a estudante Janaína da Escola Nordeste existe uma segregação por parte de alguns professores/as em relação aos alunos/as, pois ela aponta que:

O professor de matemática prefere dar aula aos meninos, eles acham que só os meninos sabem matemática como se eles fossem melhor que as meninas. Menina também sabe coisa de matemática, eu gosto de fazer contas, mas o professor dá mais atenção para os meninos. Eu nunca reprovei em nenhuma matéria da escola (ESTUDANTE JANAÍNA, extrato do diário de campo, 10/05/2016).

Essas estudantes mostram compreensão sobre a prática docente. Entendem que as/os professoras/es podem mesmo sem ter conhecimento ou a intenção agir de forma discriminatória em sala de aula. O que podemos ligar com o que fala o professor Tales da escola Nordeste que ao falar do projeto de robótica da escola descreve que:

O projeto de robótica é mais para os meninos, eles gostam mais. No projeto a gente trabalha com parafusos, às vezes se suja de graxa e isso não é muito a cara das meninas não. Acho que é a mesma coisa se me colocarem na cozinha, eu não sei cozinhar (risos). Teve uma vez só que uma menina veio falar comigo para fazer parte do projeto. Mas acho que achou muito difícil e desistiu (risos). (PROFESSOR TALES, Extrato do diário de campo, 24/05/2016).

Essa fala nos faz refletir o discurso da professora Thaisa da Escola Nordeste que sobre o trato com os estudantes revela:

Eu tento tratar os meus alunos por igual, eu vejo muitos colegas professores que ficam fazendo essa separação que acaba até excluindo algumas alunas. Eu gosto de falar em sala de aula sobre certos assuntos para tentar mostrar para as meninas que os tempos são outros, as alunas daqui tem um pensamento muito atrasado. A gente já passa por tanta coisa né? Tem gente que acha que homem e mulher têm direitos diferentes, por isso que sempre que posso eu falo dos prazeres da vida (PROFESSORA TAISA, extrato do diário de campo, 24/05/2016).

A fala da professora denota que esta entende que prática docente não se baseia exclusivamente nos assuntos programados e que é importante trabalhar com temas que envolvem a sexualidade e direitos humanos. Temos relatos de professoras/es que admitem que o fato de não terem sido formado enquanto graduando para discutir gênero dificulta a sua prática em sala de aula. Como é abordado pelo professor Maurício, docente da Escola Nordeste:

Nunca tive uma disciplina exclusiva que abordasse essas questões, mas discussões que surgiam em algumas aulas e que nos mostrava os preconceitos que sofrem aqueles que não se enquadram nos padrões. Acredito que se a gente tivesse uma disciplina na nossa formação, os professores teriam como trabalhar melhor as questões de gênero em sala de aula. O que não quer dizer que não dê para tratar, mas uma formação sobre

como abordar em sala de aula seria bom pra gente que é docente (PROFESSOR MAURÍCIO, extrato do diário de campo, 24/05/2016).

Na fala do professor vemos que ele vê como importante uma formação adequada para abordar as temáticas de gênero o que também é dito pela professora Lia: “apesar de não ver muito isso na minha formação, entendo que o professor deve falar de tudo, prática docente é falar de tudo que tá no mundo”.

As/os docentes dos campos acreditam que discutir gênero em sala de aula é necessário, mas que para trabalhar tais temáticas é preciso um conhecimento prévio sobre essas questões.

As reflexões dessas/es professoras/es sobre prática docente apontam que é mais do que trazer para sala de aula os conteúdos programados, o que possibilita que as discussões de gênero possam ser abordadas no cotidiano da sala de aula.

4. SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste espaço buscamos analisar e sistematizar os dados coletados no decorrer desta pesquisa. Nossa intenção é refletir as aproximações que encontramos em nosso referencial teórico com as reflexões das/os entrevistadas/os.

4.1 Educação e Gênero

AUTORES	SUJEITOS DO CAMPO	SÍNTESE
<p>O androcentrismo, um dos preconceitos mais graves e castradores de que padece a humanidade, vem impregnando o pensamento científico, o filosófico, o religioso e o político há milênios. Tantos séculos pensando de uma maneira podem levar a crer que não há outra maneira possível de pensar e, estando tão presos a algumas ideias, parece que somos incapazes de refletir sobre elas e de criticá-las, como se fossem verdades inalteráveis. (MORENO, 1999, p. 23).</p> <p>É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou pensa sobre elas que vai construir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento (LOURO, 2011, p 25).</p>	<p>A uma emergência sobre esta temática, entendo que ela deve ser debatida em sala de aula e no cotidiano. Precisamos primeiros de um aporte teórico para não cometer erros de linguagem, erros sobre o assunto. Precisaria me sentir seguro para falar dele, porque falar de um assunto sem conhecer é cometer um grande erro, e provavelmente você vai cometer um discurso machista, sexista, etc. (PROFESSOR KARLOS, extrato do diário de campo 23/05/2016).</p> <p>O projeto de robótica é mais para os meninos, eles gostam mais. No projeto a gente trabalha com parafusos, às vezes se suja de graxa e isso não é muito a cara das meninas não. Acho que é a mesma coisa se me colocarem na cozinha, eu não sei cozinhar (risos). Teve uma vez só que uma menina veio falar comigo para fazer parte do projeto. Mas acho que achou muito difícil e desistiu (risos). (PROFESSOR TALES, Extrato do diário de campo, 24/05/2016).</p> <p>Eu não namorei e me entreguei a ele por isso tive que noivar, eu não podia ficar por aí solta, ele fez ele vai assumir. A minha mãe quase me expulsou de casa quando descobriu e só não fez isso porque ele foi na minha casa e disse que ia me assumir. Ai ela deixou. A pessoa tem que pensar bem antes de fazer isso porque depois fica complicado, depois que perde a virgindade tem homem que não quer mais não (ESTUDANTE ELEN, extrato do diário de</p>	<p>O sexismo está presente nos campos sociais, inclusive nas escolas. As instituições de ensino trazem consigo preconceitos sobre relação homem e mulher, ainda acreditando que existem eventos que pertencem ao universo feminino e outros que pertencem ao universo masculino. Muitos desses estigmas criados sobre as relações de gênero podem vir pelo fato de não se ter um conhecimento sobre as discussões de gênero.</p> <p>Há uma necessidade de que estas questões sejam trabalhadas com o intuito de que os estigmas sejam quebrados. Para que essas questões sejam discutidas é necessário que obtenha-se conhecimento a cerca do que será debatido para não correr o risco de reforçar os esteriótipos de gênero</p>

	campo21/05/2016). “será que ela ainda é virgem?” (observação de conversa entre funcionárias) “nunca vi menina jogar bola, são os machinhos” (observação de conversa entre as/os estudantes).	
--	--	--

Com as falas dos sujeitos podemos entender que o sexismo é algo que está presente nos campos estudados e que são ações que partem das/dos docentes, das/os estudantes, daqueles que fazem parte da comunidade escolar. Ao encontrarmos alunos, por exemplo, que falam: “nunca vi menina jogar bola, são os machinhos” entra em discussão os lugares que são impostos aos homens e mulheres. Ao concluir que garotas não podem ocupar espaços que consideram de homens, naturaliza-se uma dicotomia que prejudica o avanços das mulheres no ambiente social. Nesta perspectiva relembramos o que fala Moreno (1999):

O androcentrismo, um dos preconceitos mais graves e castradores de que padece a humanidade, vêm impregnando o pensamento científico, o filosófico, o religiosos e o político há milênios. Tantos séculos pensando de uma maneira podem levar a crer que não há outra maneira possível de pensar e, estando tão presos a algumas ideias, parece que somos incapazes de refletir sobre elas e de criticá-las, como se fossem verdades inalteráveis. (MORENO, 1999, p. 23).

As falsas verdades que são constituídas sobre o feminino e o masculino é um dos motivos que subalternam a mulher, e a impede uma efetivação da igualdade. Questionar se meninas podem ou não praticar esportes, nos faz refletir que também são questionados outros lugares que elas começam a ocupar como a política e cargos executivos. Ao questionar estes espaços ocupados pelo gênero feminino, está explícito a misigenia e o sexismo por parte de muitos homens que não aceitam que mulheres possam ocupar certos cargos tendo em vista que ainda em nossa sociedade carregamos a ideia de que uma mulher é o dito sexo frágil e que suas competências são prioritariamente os cuidados com o lar. Essa visão de que homens são aptos para algumas ações e mulheres em outras é percebida na fala do docente Tales, ao falar sobre o projeto de robótica:

O projeto de robótica é mais para os meninos, eles gostam mais. No projeto a gente trabalha com parafusos, às vezes se suja de graxa e isso não é muito a cara das meninas não. Acho que é a mesma coisa se me colocarem na cozinha, eu não sei cozinhar (risos). Teve uma vez só que uma menina veio falar comigo para fazer parte do projeto. Mas acho que achou muito difícil e desistiu (risos). (PROFESSOR TALES, Extrato do diário de campo, 24/05/2016).

A visão de sexo frágil está explícita na fala desse professor, ao dizer “acho que achou muito difícil e desistiu” o que mostra que dentro do ambiente escolar ainda se faz essa divisão por sexo, construindo que o gênero feminino tem certas incapacidades, o que subalterniza as mulheres. Isso nos leva a refletir sobre a influência da escola para legitimar esses posicionamentos, nesse viés chegamos ao que diz Louro (2011):

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou pensa sobre elas que vai construir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento (LOURO, 2011, p 25).

Ainda somos regidas/os pelo discurso biológico que tende a identificar homens e mulheres, o que constrói ideias preconceituosas que podam os direitos de um ser humano por ter órgão genital feminino. As construções sociais de gênero negam às mulheres seus direitos e impõem que estas sigam o que é apontado como ideal feminino. As mulheres ainda carregam ideias antigas de si próprias como casamento, virgindade e filhos. Isso é abordado por uma estudante quando fala:

Eu não namorei e me entreguei a ele, por isso tive que noivar, eu não podia ficar por aí solta, ele fez ele vai assumir. A minha mãe quase me expulsou de casa quando descobriu e só não fez isso porque ele foi na minha casa e disse que ia me assumir. Aí ela deixou. A pessoa tem que pensar bem antes de fazer isso porque depois fica complicado, depois que perde a virgindade tem homem que não quer mais não (ESTUDANTE ELEN, extrato do diário de campo 21/05/2016).

A concepção de virgindade ainda hoje é algo diferente para homens e mulheres em algumas partes do nosso país. Para homens é algo natural e tem aceitação social, já em relação às mulheres tem uma repressão social. A virgindade feminina é entendida como sua dignidade. Não só encontramos repressão em relação à vida sexual das mulheres, mas também em relação ao que vai de encontro com os padrões de gênero impostos pela sociedade, como ainda é questionado mulheres que não querem casar, que não querem ter filhos, que tem companheiros sexuais, etc. Sendo assim, discutir as temáticas de gênero dentro do ambiente escolar ajuda a quebrar os estigmas que são construídos e tomados como verdades. Como traz o professor Karlos:

Há uma emergência sobre esta temática, entendo que ela deve ser debatida em sala de aula e no cotidiano. Precisamos primeiros de um aporte teórico para não cometer erros de linguagem, erros sobre o assunto. Precisaria me sentir seguro para falar dele, porque falar de um assunto sem conhecer é cometer um grande erro e provavelmente você vai cometer um discurso machista, sexista, etc. (PROFESSOR KARLOS, extrato do diário de campo 23/05/2016).

Existe realmente uma emergência de trabalhar gênero no ambiente educacional, pois é refletindo que podemos empoderar as estudantes e ao mesmo tempo tentar quebrar o machismo que encontramos nos meninos e também em meninas, pois quando temos jovens que acreditam que a virgindade define a sua honra, a sua dignidade, elas tiram delas mesmas seus direitos e constrõem para si imposições machistas.

O questionamento sobre a virgindade de uma jovem como encontramos no campo na fala: “será que ela ainda é virgem?” mostra como a escola tem o âmago sexista. Nesta preocupação com a intimidade feminina, vemos a imposição que é dada à mulher e fica nítido que ainda há preocupações com o corpo e o prazer femininos, que são entendidos ainda como algo que deve ser velado e preparado para dar prazer e não para sentir prazer. Esses diálogos dentro da escola tornam-se perigosos, porque no momento que essas perspectivas tomam conta da educação se estimula e tira um dos direitos dessas jovens que podem acabar se tornando mulheres que desconhecem seus direitos e, por acharem que seu corpo só deve pertencer unicamente a um homem, podem ficar a mercê das violências praticadas por seus companheiros. As discussões de gênero precisam estar presentes nas escolas para que sejam quebrados os estigmas construídos entre homens e mulheres, para que cada pessoa do gênero feminino tenha as mesmas oportunidades e direitos do gênero masculino. Também são importantes no que diz respeito aos ataques homofóbicos que ainda presenciamos no ambiente escolar.

As mulheres começam a ocupar espaços diferentes na sociedade, espaços que não ocupavam, mas apesar das mulheres terem avançados em vários âmbitos, a luta não acabou. Os avanços femininos vão gerar conflitos, já que existem homens machistas que acreditam que lugar de mulher é prioritariamente dentro de casa. O machismo é este ato dominador sobre a mulher, onde sempre temos a mulher submissa ao homem.

A educação é o caminho que temos para desnaturalizar os conceitos pré-estabelecidos sobre homens e mulheres, precisamos de uma escola livre para ambos os gêneros, onde elas e eles possam se envolver nas diferentes atividades de igual para igual, onde nas aptidões não estejam relacionadas às suas genitálias, onde haja respeito à diversidade.

O sexismo, a homofobia, o machismo ainda estão presentes fortemente em nossa sociedade porque ainda se ensina esses preconceitos dentro das religiões, nas famílias e nas escolas, mas da mesma forma que somos ensinadas/os a partir do órgão genital que nascemos também de igual forma podemos ser ensinadas/os na perspectiva da igualdade. Obviamente que dentro das instituições religiosas e das famílias essas discussões podem ser mais difíceis de acontecer, mas, no chão da escola, é necessária que elas aconteçam. As/os professoras/es

precisam de formação nesta área de conhecimento para que não neguem os direitos do gênero feminino e para que diante de acontecimentos preconceituosos, sexistas, machistas, não se calem e debatam sobre esses fatos na tentativa de formar essas/es estudantes em seres melhores com menos preconceitos e mais reflexivos.

4.2 ENSINO MÉDIO

AUTORES	SUJEITOS DO CAMPO	SÍNTESE
<p>II – a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores; III – o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico. (BRASIL, 2012. P.18)</p> <p>Educar para a cidadania exige educar para a ação político-social e esta, para ser eficaz, não pode ser reduzida ao âmbito individual. Educar para a cidadania é educar para a democracia que dê provas de sua credibilidade de intervenção na questão social e cultural. É incorporar a preocupação ética em todas as dimensões da vida pessoal e social (CANDAUI, 199, p. 12).</p>	<p>O ensino médio são os anos finais da educação, os alunos já são maiorzinhos e dá pra gente trabalhar com eles muitas questões que envolvem a sociedade. Eles estão saindo da escola, depois é a vida que ensina, eles precisam saber respeitar a todos, a gente como professor tem que ensinar o respeito também, eu sei que o foco é o ENEM, mas temos que trabalhar as questões de cidadania, eu penso assim, né? (PROFESSORA ANA, extrato do diário de campo, 23/05/2016).</p> <p>Quando a gente chega no ensino médio parece que a gente já cresceu, os professores falam mais sério com a gente. Fala da matéria e fala das coisas da vida, como fazer sexo com proteção, trabalhar pra não depender de ninguém. A gente parece que tem mais responsabilidade e ficamos mais amigos, porque a gente acaba falando com os colegas sobre o futuro. Eu só vim me preocupar com isso quando entrei no ensino médio (ESTUDANTE CIBELE, extrato do diário de campo, 21/05/2016).</p> <p>Eu já tô no terceiro ano, eu gostei de estudar, gosto do ensino médio porque aqui estuda mais e aprende mais também. Estou me preparando para o ENEM, os professores ajudam muito a gente para estudar. Eu acho que o ensino médio é isso: é ajudar os alunos a passarem no ENEM. Mas a gente também ri muito aqui, brincamos, ficamos muito tempo na escola aí a gente faz muitos amigos e depois que terminar a escola a gente vai continuar se vendo. (ESTUDANTE JÚLIA, extrato do diário de campo, 21/05/2016).</p>	<p>O ensino médio é a última fase da educação básica brasileira, e busca que as/os estudantes estejam preparados para para a aprovação no ENEM e para que possam atender às necessidades do mercado de trabalho.É também um momento proporcionado para que as/os estudantes façam reflexões a cerca das questões que envolvem a sociedade. Esse é um período que elas/es se apropriam de conhecimentos, discutem temas que envolvem as questões de respeito e cidadania e controem laços afetivos.</p>

O ensino médio brasileiro passou por algumas mudanças ao longo do tempo e hoje se caracteriza como um ensino que tem como perspectiva tornar as/os estudantes aptos para a

prova do ENEM, pretende que essas/es jovens estejam preparados para o mercado de trabalho, e que também se aproximem de temáticas que envolvam a conceitos de cidadania. Essas especificidades sobre o ensino médio são abordadas por lei que indica que os anos finais da educação teve proporcionar :

II – a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores; III – o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico. (BRASIL, 2012. P.18).

Trabalhar com as/os jovens pode ser uma experiência interessante e ao mesmo tempo difícil. Estas/es são estudantes que não atingiram a fase adulta e ao mesmo tempo já passaram pela fase infatil o que traz uma certa rebeldia natural para a idade que estão vivendo, visto que entram em contato com novos conhecimentos e passam a construir seus próprios posicionamentos. A fase que estas/es estudantes vivem, também traz possibilidades de refletir abordagens que envolvem questões sociais, pois a educação destas/es precisa ter uma preocupação com a formação cidadã. Como afirma Candau (1999):

Educar para a cidadania exige educar para a ação político-social e esta, para ser eficaz, não pode ser reduzida ao âmbito individual. Educar para a cidadania é educar para a democracia que dê provas de sua credibilidade de intervenção na questão social e cultural. É incorporar a preocupação ética em todas as dimensões da vida pessoal e social (CANDAUI, 1999, p. 12).

No ensino médio, por estarem numa idade entre os 16 e os 18 anos, essas/os jovens vão adquirindo, mesmo que não queiram certas responsabilidades como votar, trabalhar, se profissionalizar e há necessidade de estarem preparados para os acontecimentos que ocorrerão em suas vidas depois da escola. A professora Ana diz que:

Nos anos finais da educação, os alunos já são maiorzinhos e dá pra gente trabalhar com eles muitas questões que envolvem a sociedade. Eles estão saindo da escola, depois é a vida que ensina, eles precisam saber respeitar a todos, a gente como professor tem que ensinar o respeito também, eu sei que o foco é o ENEM, mas temos que trabalhar as questões de cidadania, eu penso assim, né? (PROFESSORA ANA, extrato do diário de campo, 23/05/2016).

Concordamos com o que fala a professora, pois nesta idade é muito propício que sejam trabalhadas questões que envolvem a cidadania e o respeito. Nossas/os jovens precisam aprender a questionar o que é imposto a elas/es, refletir sobre as decisões que envolvem o país e se posicionar de acordo com suas ideias. Como podemos citar os jovens de São Paulo que estão lutando por seus direitos de cidadão/a. O que nos leva a pensar nas transformações que vêm passando essas/es jovens estudantes, é uma mocidade que ainda

brincam com seus videogames, usam seus jeans rasgados e ao mesmo tempo estão indo às ruas enfrentar os policiais para que seus direitos não sejam negados. Por isso, mais que um momento de transmissão conhecimentos curriculares o ensino médio possibilita momentos de debates, como é falado pela estudante Cibele:

Quando a gente chega no ensino médio parece que a gente já cresceu, os professores falam mais sério com a gente. Fala da matéria e fala das coisas da vida, como fazer sexo com proteção, trabalhar pra não depender de ninguém. A gente parece que têm mais responsabilidade, e ficamos mais amigos, porque a gente acaba falando com os colegas sobre o futuro. Eu só vim me preocupar com isso quando entrei no ensino médio (ESTUDANTE CIBELE, extrato do diário de campo, 21/05/2016).

Apesar de muitas professoras/es falarem de indisciplina em sala de aula, elas/eles também admitem que este é um momento interessante para abordar temas transversais em sala de aula com essas/es jovens. Quando terminarem o ensino médio, elas/es entrarão em outra etapa de suas vidas e é preciso que a escola tenha ensinado para elas/es além das disciplinas. As/os estudantes não vão à escola apenas para aprender os conteúdos programados, também criam laços afetivos, pensam no que farão depois do ensino médio, confirmamos isto através desta estudante que reflete:

Eu já tô no terceiro ano, eu gostei de estudar, gosto do ensino médio porque aqui estuda mais e aprende mais também. Estou me preparando para o ENEM, os professores ajudam muito a gente para estudar. Eu acho que o ensino médio é isso: é ajudar os alunos a passarem no ENEM. Mas a gente também ri muito aqui, brincamos, ficamos muito tempo na escola aí a gente faz muitos amigos e depois que terminar a escola a gente vai continuar se vendo. (ESTUDANTE JÚLIA, extrato do diário de campo, 21/05/2016).

O ensino médio é esta combinação que ocorre na vida das/os jovens, é aprender química, física, história, geografia, literatura, é também aprender sobre os direitos humanos, é construir laços afetivos com professoras/es, alunas/os, funcionárias/os e é refletir o mundo que as/os rodeia.

Pode ser que seja mais complexo trabalhar efetivamente as temáticas de gênero com essas alunas/os pois nem todo professor/a tem conhecimentos sobre e muitas vezes não encontram motivos para procurar formação nesta área, mas mesmo que não sejam trabalhadas questões sexistas, misógenas, homofóbicas dentro de sala de aula, pelo menos se conseguirem levar reflexões sobre respeito e igualdade para estas/es jovens, já será um grande avanço e possivelmente alguns passos para termos um país com menos violência e talvez com mais equidade.

4.3 Prática Docente

AUTORES	SUJEITOS DO CAMPO	SÍNTESE
<p>A relação dos docentes com os saberes não se reduz a uma função de transmissão de conhecimento já construídos. Sua prática entrega diferentes saberes, como os quais o corpo docente mantém diferentes relações. Pode-se definir o saber docente como um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais (TARDIF p.38).</p> <p>Ensinar não é transferir conhecimento, mais criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. (FREIRE, 2009, p. 47).</p>	<p>Prática docente é justamente a ligação de tudo, é a mistura das nossas experiências na faculdade, fora da escola, as experiências com os alunos e com os outros professores, o tempo em sala de aula. O professor traz muitas coisas de fora para sala. Toda essa mistura é o que faz a sua prática. Como professora, vejo que discutir gênero não é só trazer um slide ou uma música para a aula, podemos trabalhar isso em uma roda de diálogo, principalmente quando partir a necessidade de se trabalhar gênero, porque às vezes acontecem situações que precisam da nossa interferência, pode ser que eu prepare a minha aula que não tem nada a ver com gênero e no meio da sala surge um comentário machista, homofóbico, sexista, preconceituoso, e eu enquanto professora e educadora vejo como minha obrigação parar a aula e discutir sobre o que está acontecendo no momento (PROFESSORA ALINE, extrato do diário de campo, 23/05/2016).</p> <p>É muito difícil para o professor trabalhar isso em sala de aula. Por esse ser um assunto muito polêmico, requer cuidado, tem que levar em conta a idade e a maturidade de cada aluno, é um assunto muito delicado e pode causar confusão nos alunos, nem todos estão prontos para receber as informações que este assunto nos propõe. Eu nunca trabalhei isso com os alunos porque eu não acredito que eles estejam aptos para receber esses conteúdos. Eu tenho evitado trabalhar com isso, evito porque vejo que eles não estão maduros o suficiente, porque esse é um assunto muito complexo que envolve sexualidade e no meu ponto de vista muitos adolescentes não estão prontos para receber essas informações no momento (PROFESSORA KALBER, extrato do diário de campo, 23/05/2016).</p> <p>O professor de matemática prefere dar aula aos meninos, ele acha que só os meninos sabem matemática, como se eles fossem melhor que as meninas. Menina também sabe coisa de matemática, eu gosto de fazer contas, mas o professor dá mais atenção para os meninos. Eu nunca reprovei em nenhuma matéria da escola (ESTUDANTE JANAÍNA, extrato do</p>	<p>Os saberes docentes não se resumem apenas em trabalhar os conteúdos programados, mas pode levar os alunos a debater temas transversais. Por exemplo, o respeito a todos e a igualdade. As experiências dessas/es docentes as/os levam a compreender o que e como trabalhar certos conteúdos em sala de aula. As/os professoras/es constroem sua prática a partir de vários saberes adquiridos ao longo dos anos como docentes e trazem ainda suas crenças e valores que influenciam em sua prática em sala de aula.</p>

	<p>diário de campo, 10/05/2016). Os professores ajudam muito, eles falam com a gente sobre sexo, sobre não ter filho. Eles dão conselho pra gente não desistir, não deixar de fazer as coisas que gostamos. Já vi as professoras falando para muitas meninas pra elas não ficarem com essa ideia de casamento agora porque elas estão muito novas e que não presta depender de marido porque ele pode se sentir o dono dela. Eu acho certo o que a professora fala, a gente tem que ser independente (ESTUDANTE CLÉA, extrato do diário de campo, 10/05/2016).</p>	
--	--	--

A prática docente vai além de trabalhar bem os conteúdos programados. Falarmos de prática é ter um olhar para o saber e o fazer da/o docente em sala de aula. Entendo que para isso as/os docentes trazem consigo os conhecimentos adquiridos ao longo de sua vida pessoal e profissional, como é colocado pela professora:

Prática docente é justamente a ligação de tudo, é a mistura das nossas experiências na faculdade, fora da escola, às experiências com os alunos e com os outros professores, o tempo em sala de aula. O professor traz muitas coisas de fora para sala de aula. Toda essa mistura é o que faz a sua prática. Como professora, vejo que discutir gênero não é só trazer um slide ou uma música para sala de aula, podemos trabalhar isso em uma roda de diálogo, principalmente quando partir a necessidade de se trabalhar gênero, porque às vezes acontecem situações que precisam da nossa interferência, pode ser que eu prepare a minha aula que não tem nada a ver com gênero e no meio da sala surge um comentário machista, homofóbico, sexista, preconceituoso, e eu enquanto professora e educadora vejo como minha obrigação parar a aula e discutir sobre o que está acontecendo no momento (PROFESSORA ALINE, extrato do diário de campo, 23/05/2016).

Nesta fala vemos a importância das/os professoras/es se posicionar como um agente formador e não apenas como transmissor de conhecimento. Ao dizer que “enquanto professora e educadora vejo como minha obrigação parar a aula e discutir sobre o que está acontecendo no momento” compreendemos a função das/os professores como profissionais que ajudam as/os alunos na reflexão de algumas abordagens preconceituosas que ocorrem dentro do contexto escolar. Ao parar a aula para falar sobre ações preconceituosas vivenciadas, as/os professoras/es levam os alunos a construir seus próprios pensamentos, pois “Ensinar não é transferir conhecimento, mais criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. (FREIRE, 2009, p. 47)”. Essa construção que as/os alunas/os conseguem fazer através do que é abordado por professoras/es não é apenas uma construção a cerca dos conteúdos programados, é uma construção social onde as/os jovens são formados não apenas como a/o estudante, mas como a cidadã e o cidadão.

Hoje vivemos em um país que com muitas lutas conseguiu, mesmo com algumas falhas, usufruir da democracia, com isso as/os professoras/es tornam-se mais livres para que em sua prática docente possam debater temas que antes eram proibidos no contexto escolar.

Mas apesar de hoje termos mais liberdade para tratar temas transversais, não quer dizer que toda prática docente seja progressista, pois podem existir professoras/es que justamente por terem suas concepções de moral podem agir de forma preconceituosa dentro da sala de aula, como já falamos as/os professoras/es além dos saberes curriculares pertencentes à área da educação tem suas experiências fora do contexto escolar o que contribui para a sua prática. Tardiff (2005) fala:

A relação dos docentes com os saberes não se reduz a uma função de transmissão de conhecimento já construídos. Sua prática entrega diferentes saberes, como os quais o corpo docente mantém diferentes relações. Pode-se definir o saber docente como um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais (TARDIF p.38).

Esta abordagem do autor nos faz refletir na importância dos professores passarem por formação a cerca de algumas temáticas, pois pode ser que além de não terem conhecimento sobre certas discussões, os conceitos pessoais das/os professoras/es sobre determinados assuntos podem impedir que temáticas importantes não sejam trabalhados em sala de aula, como podemos perceber na fala deste docente ao dizer que:

É muito difícil para o professor trabalhar isso em sala de aula. Por esse ser um assunto muito polêmico, requer cuidado, tem que levar em conta a idade e a maturidade de cada aluno, é um assunto muito delicado e pode causar confusão nos alunos, nem todos estão prontos para receber as informações que este assunto nos propõe. Eu nunca trabalhei isso com eles porque eu não acredito que os alunos estejam aptos para receber esses conteúdos. Eu tenho evitado trabalhar com isso, evito porque vejo que eles não estão maduros o suficiente, porque esse é assunto muito complexo, ele envolve sexualidade e no meu ponto de vista muitos adolescentes não estão prontos para receber essas informações no momento (PROFESSOR KALBER, extrato do diário de campo, 23/05/2016).

Este docente na sua prática não vê os seus alunos preparados para debater estas temáticas. Compreendemos que as discussões de gênero podem ser abordadas de formas diferentes dentro da escola, desde a educação infantil ao ensino médio. Por isso, vemos a necessidades de uma formação adequada para que as/os docentes em sua prática em sala possam trabalhar com temas transversais ou quem optar por não trabalhar, tentar não reforçar os estereótipos de gênero que é algo que pode acontecer dentro do ambiente escolar como relata esta estudante :

O professor de matemática prefere dar aula aos meninos, ele acha que só os meninos sabem matemática, como se eles fossem melhor que as meninas. Menina também sabe coisa de matemática, eu gosto de fazer contas, mas o professor dá mais atenção para os meninos. Eu nunca reprovei em nenhuma matéria da escola (ESTUDANTE JANAÍNA, extrato do diário de campo, 10/05/2016).

As práticas sexistas podem vir das/os docentes sem mesmo que elas/es percebam, podem ser sexistas ao compreender que meninos sabem mais matemática, ou no ato de acreditar que ao se referir aos alunos está incluindo as alunas também, ou até mesmo pensado que meninos sabem mais esportes que as meninas, são esses pequenos atos praticados por professoras/es que acabam legitimando o sexismo e negando o direito das estudantes.

Da mesma forma que encontramos professoras/es que não compreendem as necessidades das discussões de gênero, encontramos professoras/es que enxergam sua prática como ato emancipador, o que é apontado pela estudante:

Os professores ajudam muito, eles falam com a gente sobre sexo, sobre não ter filho. Eles dão conselho pra gente não desistir, não deixar de fazer as coisas que gostamos. Já vi as professoras falando para muitas meninas pra elas não ficarem com essa idéia de casamento agora porque elas estão muito novas e que não presta depender de marido porque ele pode se sentir o dono dela. Eu acho certo o que a professora fala, a gente tem que ser independente (ESTUDANTE CLÉA, extrato do diário de campo, 10/05/2016).

Quando passamos a assumir uma sala de aula, deixa-se de ser apenas um cidadão na sociedade para ser um cidadão dentro do ambiente escolar. As/os professoras/es de uma forma ou de outra influenciam todos que já passaram por elas/es, não apenas porque ensinam a ler e escrever, mas porque podem nos mostrar possibilidades de nos tornarmos seres melhores. Prática docente é também um processo de humanizar as/os discentes, não basta apenas saber passar os conteúdos programados, é preciso também ensinar a conviver em sociedade, respeitando as diferenças e respeitando igualmente homens e mulheres. Ao assumirem uma prática emancipadora em sala de aula, propiciam aos estudantes que muitas barreiras preconceituosas sejam quebradas. Quando temos professoras/es que falam para as estudantes não pararem de estudar e tentar conseguir sua independência, é mais que simplesmente educar para o mercado de trabalho e para uma possível aprovação em cursos acadêmicos, é empoderar as estudantes, mostrando que elas possuem os mesmos direitos e que precisam lutar por eles.

A prática docente não é algo uniforme, não se dá igualmente para todos as/os professoras/es. O que é ensinado está entrelaçado com outros saberes, por isso é preciso olhar de onde vem esta/e docente, ela/e traz para a sala de aula a sua concepção de família, de

cultura, de sociedade, de homem, de mulher. Todas essas misturas de saberes são apresentadas para as/os alunos em forma de palavras e em forma de atitudes. É por este motivo que as/os docentes precisam refletir a sua prática, já que as/os estudantes são influenciados por elas/es, tanto de forma positiva quebrando preconceitos e ampliando os seus conhecimentos, como de forma negativa legitimando preconceitos e limitando as reflexões da/o estudante.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Respondendo ao nosso primeiro objetivo específico que é “Identificar quais as principais experiências formativas dos professores e professoras do ensino médio sobre educação não sexista,” enxergamos que as/os docentes entrevistadas/os tiveram conhecimentos das temáticas de gênero enquanto graduandas/os o que permitiu que alguns desses trouxessem para sala de aulas essas discussões. Embora mesmo sendo abordadas esses temas na formação profissional dessas/es docentes nem todas/os ver importância de trabalhar tais temáticas, o que são pensamentos que muitas vezes podem estar associados aos conceitos religiosos e da ideia de moral e ética que prega suas religiões. Muitas/os docentes dizem que não há um incentivo das políticas educacionais para formação nesta área, o que as/os leva a estudar esta temática por conta própria na tentativa de trabalhá-las em sala de aula.

Em nosso segundo objetivo que trata de “Verificar se há pontos abordados pelos professores e professoras acerca do debate de gênero em sala de aula”, ocorreram momentos que assuntos sobre discussões de gênero foram contextualizados sendo incluídos nas disciplinas ou refletidas quando professoras/es viam a necessidade de falar sobre as relações de gênero, como ocorreu por exemplo, na aula de uma professora entrevistada que discute sobre questões de virgindade feminina.

Com terceiro objetivo específico de “Analisar se as jovens que estão cursando o ensino médio compreendem as discussões em relação à temática de gênero”, compreendemos que muitas jovens já conseguem perceber que seus direitos são negados nos campos sociais inclusive na escola, lugar que passam boa parte de seu tempo. Algumas estudantes ainda seguem os padrões heteronormativos sem questionar e tomando como verdades em suas vidas o que sem que o percebam legitima a subalternização da mulher.

O método do Caso Alargado nos possibilitou ampliar o que colhemos em nossa análise, o que nos fez chegar à conclusão de que as jovens estudantes vivenciam quadros sexistas no ambiente escolar que podem vir das práticas das/os professoras/es, das/os próprias/os estudantes e das/os funcionárias/os, desta forma ao discutir gênero no ensino médio, as/os professoras/es podem ajuda a emancipar, empoderar e libertar as estudantes da visão heteronormativa que vem negando os direitos femininos.

Diante de tudo que observamos a luta por igualdade continua sendo necessária pelo fato de que sempre há um discurso misógino, sexista, homofóbico nos campos sociais. As mulheres vêm resistindo, hoje chegamos a ver que nem todas as mulheres aceitam que a

cultura, a igreja, a sociedade machista, os pais, os maridos e até mesmo as próprias mulheres possam ditar o caminho que devem seguir, se devem ser mãe, se devem casar, etc.

Acreditamos que cada vez as temáticas de gênero devem ser trabalhadas dentro do contexto escolar, visto que as jovens ainda vivenciam dentro da escola as práticas sexistas, machistas e misógenas. São práticas que acontecem por parte das/os professoras/es, por acreditarem que mulheres e homens são diferentes, vêm também quando privilegiam os alunos meninos em algumas atividades, quando supõem que as estudantes são seres frágeis e por isso incapazes de realizar certas atividades. Vêm dos próprios estudantes que ainda possuem uma visão dicotômica entre o gênero feminino e masculino, quando acreditam que ser do sexo masculino proporciona mais direitos que ser do sexo feminino.

Homens e mulheres não nascem com ideias de superioridade masculinas, são ensinados desde pequenos que existem diferenças que uns têm que ser fortes e outros precisam ser frágeis. Apesar de ser presente essa superioridade masculina e a submissão feminina em nosso país, encontramos jovens que já não têm como prioridade em sua vida a construção de uma família, são jovens que querem trabalhar, conseguir sua independência, se encaminhar para a vida acadêmica. Para nossa construção social todos esses fatos parecem poucos, mas para as amarras que as mulheres são impostas esses são pensamentos importantes para que aos poucos elas possam se liberar da opressão masculina e cada vez mais serem donas de suas próprias decisões.

É neste viés que compreendemos a escola como um campo possível para a discussão sobre as temáticas de gênero, mesmo que ainda sejam frequentes nos ambientes escolares os discursos sexistas, machistas e um trato diferenciado entre meninos e meninas, que vai do ensino infantil até o término do ensino médio, das brincadeiras até as atividades escolares, é na escola que a cultura machista, a segregação sexista podem ser quebradas. Sendo a escola um ambiente de aprendizagem, socialização e convivência, nela se encontram possibilidades das/os professoras/es quebrarem os estereótipos construídos por uma sociedade repleta de preconceitos.

Quando temos professoras/es que falam que as jovens também têm direito a sentir prazer, que elas devem lutar pelas mesmas oportunidades que os homens, que casamento não é a principal função da vida de uma mulher, são desconstruídos os mitos criados a cerca de homens e mulheres, e ajudam essas estudantes a perceberem as imposições que elas vêm passando, ajudam também os próprios estudantes, pois ao refletir sobre as imposições que são criadas socialmente para mulheres e homens, eles podem compreender que as ideais construídas de que homens não choram, não fazem trabalhos domésticos e que não são

sensíveis, não passam de costumes criados para definir os padrões sociais. Nesta perspectiva entendemos que ensinar gênero na escola e na sala de aula, não é apenas ensinar que somos iguais, que temos os mesmo direitos, é mostrar para as/os discentes que a violência sexual acontece porque existem homens que acreditam que têm direitos sobre mulheres, que elas não merecem ser atacadas porque estão usando roupas curtas, que igualmente aos garotos, garotas também podem se divertir sexualmente e isso não faz delas nem menos e nem mais mulher, que mulheres são competentes como os homens, que não podemos nos definir por nossos órgãos genitais. É discutir o papel de submissão que as mulheres ocupam nas novelas e músicas brasileiras e como isso legitima a opressão sofrida por elas na sociedade.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Senado Federal. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96. Brasília: 1996.
- BUTLER.J. **Deshacer el género**. Barcelona. Paidós, 2006.
- CANDAU, Vera Maria et al. **Oficinas pedagógicas de direitos humanos**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 40ª reimpressão. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.
- GAUTHIER, Clermontet al. **Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente**. 2ª ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2006.
- GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas Sobre Iniciação À Pesquisa Científica-4.ed-** Campinas, SP: Editora Alinea. 2007 96p.
- LOURO, G. L. **Corpo, escola e identidade**. Educação & Realidade, v. 25, n. 2, p. 59-75, 2000.
- _____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- _____. **A construção escolar das diferenças**. In: LOURO, G. (org.) *Gênero, sexualidade e educação*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 57-87.
- LAGE, A. C. **Lutas por Inclusão nas Margens do Atlântico: um estudo comparado entre as experiências do Movimento dos Sem Terra/Brasil e da Associação In Loco/Portugal**. Tese de doutorado. Volume II – Diários do Trabalho Empírico. Coimbra: Universidade de Coimbra. Faculdade de Economia, 2005.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- MINAYO, M. C. S(org). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- MORENO, Monstesserat. **Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola**. São Paulo: Moderna, 1999.
- PRIORE, M.D (org). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo, Contexto, 2008.
- REY, Fernando Luis González. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de construção da informação-** São Pulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
- RODRIGUES. Ae BARRETO M. A. S. C.(org).**Currículos, Gêneros e Sexualidades: Experiências Misturadas e Compartilhadas** Vitória, ES. Edufes, 2013.
- TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópoles, RJ: Vozes, 2005.

SANTOS, B. S. **Os Conflitos Urbanos no Recife: O Caso do Skylab**. In: Revista Crítica, n° 11, maio, p. 9-59. Coimbra: CES, 1983.

SCHÖN, Donald A. Educando o Profissional Reflexivo: **um novo design para aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.